

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Natália Ferreira da Silva

UM NOVO MODO DE SE FAZER JORNALISMO:  
A PARTICIPAÇÃO DO PÚBLICO NA ELABORAÇÃO DO  
TELEJORNAL E A MUDANÇA DO PAPEL DO JORNALISTA NA  
PRODUÇÃO DA NOTÍCIA TELEVISIVA

JUIZ DE FORA, MG – BRASIL  
JANEIRO DE 2014

Natália Ferreira da Silva

UM NOVO MODO DE SE FAZER JORNALISMO:  
A PARTICIPAÇÃO DO PÚBLICO NA ELABORAÇÃO DO  
TELEJORNAL E A MUDANÇA DO PAPEL DO JORNALISTA NA  
PRODUÇÃO DA NOTÍCIA TELEVISIVA

Trabalho de Conclusão de Curso  
Apresentado como requisito para a  
obtenção de grau de Bacharel em  
Comunicação Social na Faculdade de  
Comunicação Social da UFJF.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Ms. Renata Venise  
Vargas Pereira

JUIZ DE FORA, MG – BRASIL

MARÇO DE 2014

Natália Ferreira da Silva

Um Novo Modo de se Fazer Jornalismo:

“A Participação do Público na Elaboração do Telejornal e a Mudança do Papel do Jornalista na Produção da Notícia Televisiva”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Ms. Renata Venise Vargas Pereira

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em 12/02/2014 pela banca composta pelos seguintes membros:

---

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Renata Venise Vargas Pereira (UFJF) - Orientadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Iluska Coutinho (UFJF) - Convidada

---

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Gilze Bara (CES-JF) - Convidada

---

Ms. Evandro José Medeiros Laia – Convidado

Conceito Obtido \_\_\_\_\_

JUIZ DE FORA, MG – BRASIL

FEVEREIRO DE 2014

Ao meu noivo, Felipe de Alcântara Vieira.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu noivo, Felipe, eu dedico meu trabalho, pois sem seu apoio não chegaria tão perto do meu sonho;

A minha família por me apoiar sempre nos momentos em que tudo parecia estar no fim;

Aos meus orientadores que acreditaram no meu trabalho, mesmo quando eu já havia perdido a fé;

Por fim, a Deus por me mostrar que é na adversidade que encontramos os verdadeiros amigos.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Percentual de TV's em domicílios particulares permanentes entre 1992 e 1999 ....	15
Tabela 2 - Percentual de TV's em domicílios particulares permanentes entre 2001 e 2011 ....	16
Tabela 3 - Perfil educacional dos jornalistas .....	26
Tabela 4 - Inserções de materiais exibidos no período de 05 a 09/08/13 .....	38
Tabela 5 - Inserções de materiais exibidos no período de 12 a 16/08/13 .....	38
Tabela 6 - Totais da inserção de materiais entre 05 e 16/08/13 .....	39

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tirinha Jornalismo 2.0 de Irlan Simões em <a href="http://www.enecos.com.br/charge-jornalismo-2-0">http://www.enecos.com.br/charge-jornalismo-2-0</a> .....	18
--	----

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Percentual de TVs em domicílios particulares permanentes entre 1992 e 1999....	15
Gráfico 2 - Percentual de domicílios particulares permanentes com televisão entre 2001 e 2011 .....	16
Gráfico 3 - Jornalistas por faixa etária.....	24
Gráfico 4 - Jornalistas por sexo .....	24
Gráfico 5 - Jornalistas brasileiros por cor/raça.....	25
Gráfico 6 - Opinião dos jornalistas brasileiros sobre a exigência de formação para o exercício da profissão.....	26
Gráfico 7 - Opinião dos jornalistas brasileiros sobre a criação de órgão de autorregulamentação.....	27
Gráfico 8 - Carga horária de trabalho dos jornalistas brasileiros .....	27
Gráfico 9 - Número de materiais exibidos por dia da semana.....	39
Gráfico 10 - Tipo de imagens exibidas entre 05 e 09-08-13 .....	40
Gráfico 11 - Tipo de imagens exibidas entre 12 e 16-08-13 .....	40

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2. A CHEGADA DA TELEVISÃO, A IMPLANTAÇÃO DO TELEJORNALISMO E DA EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA DO VEÍCULO NO BRASIL .....</b>	<b>12</b>
2.1    UM BREVE HISTÓRICO DA TV NO BRASIL.....	12
2.2    O TELEJORNALISMO E A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA.....	14
<b>3. A PARTICIPAÇÃO DO TELESPECTADOR NA PRODUÇÃO DE TV E O ATUAL PERFIL DO JORNALISTA BRASILEIRO .....</b>	<b>21</b>
3.1.    JORNALISMO E SEU MODO DE FAZER: .....	21
3.2    O PERFIL DO JORNALISTA BRASILEIRO:.....	23
<b>4. TV ALTEROSA: DO NASCIMENTO AOS DIAS ATUAIS .....</b>	<b>29</b>
4.1.    HISTÓRICO .....	29
4.2.    PROGRAMAÇÃO LOCAL: TV ALTEROSA JUIZ DE FORA.....	30
4.3.    ESTUDO DE CASO:.....	31
4.3.1.    Entrevistas: .....	31
4.3.2.    Análise de inserções de materiais:.....	37
<b>5. CONCLUSÃO .....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>43</b>
<b>APÊNDICE A: ENTREVISTAS FEITAS A ALGUNS DOS INTEGRANTES DO JORNAL DA ALTEROSA .....</b>	<b>45</b>
A.1 – PERGUNTAS FEITAS PARA A PRODUÇÃO .....	45
A.2 – PERGUNTAS FEITAS PARA O EDITOR DE REPORTAGENS.....	45
A.3 – PERGUNTAS FEITAS PARA OS CINEGRAFISTAS .....	46
A.4 – PERGUNTAS FEITAS PARA O EDITOR CHEFE.....	46

A.5 – PERGUNTAS FEITAS PARA UM FORNECEDOR DE MATERIAL EXTERNO .....	46
---	----

**APÊNDICE B: ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA FEITAS COM A EQUIPE  
DO JORNAL DA ALTEROSA..... 48**

B.1 – ENTREVISTA COM A PRODUÇÃO .....	48
---------------------------------------	----

B.1.1 – Entrevista com a produtora / repórter Juliana Zoet .....	48
--	----

B.1.2 – Entrevista com a produtora Regina Ramalho .....	51
---	----

B.2 – ENTREVISTA COM O EDITOR DE REPORTAGENS DAVI FERREIRA .....	53
--	----

B.3 – ENTREVISTA COM O CINEGRAFISTA MARCO FAGUNDES.....	55
---	----

B.4 – ENTREVISTA COM A EX-EDITORA CHEFE E EX-APRESENTADORA ELISÂNGELA BAPTISTA .....	55
---	----

B.5 – ENTREVISTA COM O FORNECEDOR DE MATERIAL EXTERNO SILVAN ALVES...	58
---	----

**APÊNDICE C: CD CONTENDO OS JORNAIS PRESENTES NA  
MONOGRAFIA..... 60**

# 1. INTRODUÇÃO

Desde a sua criação passando pelas primeiras transmissões a cores, em 1972, e chegando até os dias atuais, sendo exibida por intermédio de celulares e transmissores portáteis, a televisão tornou-se companheira inseparável dos indivíduos ao redor do mundo. Seja vista na palma da mão ou nas antigas caixas de madeira em preto e branco, a TV, uma inovação tecnológica capaz de unir som e imagem, faz parte do *hall* dos equipamentos criados pelo homem para suprir a necessidade de se estabelecer em comunicação com o mundo. A informação que antes era transmitida apenas pelo rádio passou para a televisão e isso causou uma mudança no paradigma dos profissionais capazes de estruturar e definir o que se enquadrava ou não nos critérios de noticiabilidade, os jornalistas.

A televisão, mais do que seu papel de distração, devia assumir um papel cultural e de educação em sentido amplo. [...] a televisão ligava-se ao serviço público, com um desejo de produção cultural. [...] historicamente a televisão é, até hoje, um instrumento na longa história da emancipação da democracia. (WOLTON, 1990, p.5)

Diante das novas plataformas que se estabelecem com os avanços tecnológicos e com a forma de se comunicar, absorver e informar, o papel do jornalista como “construtor” da informação ganha novos contornos. O jornalista se depara com veículos que transmitem conteúdos de maneira rápida e com a praticidade de se reproduzir, pois atualmente qualquer pessoa tem a possibilidade de registrar os acontecimentos e os flagrantes do cotidiano. Frente a isso, o profissional deixa de ser o detentor da informação bruta, passando a ter a função de “coletor” de fragmentos da notícia, o que torna a produção muitas vezes imprevisível e sem um controle preestabelecido pela mídia. Para Deleuze (1992) estaríamos entrando em um processo de transformação social, uma migração de uma sociedade disciplinada, onde o indivíduo é cerceado por regras moldadas, em um sistema fechado, para uma “sociedade do controle” cercada por *modulações* “auto-deformantes”.

[...] encontramos-nos em uma crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família [...] São as *sociedades do controle* que estão substituindo as sociedades disciplinares. “Controle é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como o nosso futuro próximo. Paul Verilio também analisa sem parar as formas ultrarápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado.[...] Não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas. (DELEUZE, 1992 . p. 220.)

Tendo a televisão como base para este estudo, serão tomados como objeto de análise suas produções e conteúdos transmitidos, a fim de se verificar quais mudanças ocorreram no modo de se fazer jornalismo e qual seria o papel do jornalista diante do novo universo que se descortina com os avanços tecnológicos e digitais. Também serão abordadas as diferenças existentes entre o processo de apuração, construção da matéria, produção e veiculação de conteúdos que eram executados antes dos surgimentos das novas plataformas e da proliferação dos equipamentos domésticos de captura de imagem e som, e quais as mudanças significativas no material que é proposto para os receptores.

Para tanto, será feita uma pesquisa quantitativa com a finalidade de verificar se há uma presença significativa de produções feitas com a colaboração dos telespectadores por intermédio de vídeos, fotos e áudios, nas matérias exibidas pelo veículo de comunicação, neste caso específico a TV Alterosa, afiliada do SBT em Juiz de Fora, na Zona da Mata mineira. Neste estudo será analisado o Jornal da Alterosa Edição Regional, durante dez exposições do noticiário, período que segue de 5 a 16 de agosto de 2013.

As inovações tecnológicas têm trazido novas formas de comunicação, possibilitando diferentes maneiras de interação entre a notícia e os seus receptores. Isso trouxe a possibilidade do público atuar também como formador de opinião, divulgando as informações ou atuar na forma com que elas são transmitidas. Uma vez que essa era uma função exercida pelo jornalista, a inclusão do público nessa demanda já faz deste um assunto relevante o suficiente para servir como tema deste trabalho.

A hipótese de o jornalista não mais atuar como o organizador das informações dispersas pelas ruas, mas sim de exercer a função de “coletor” e contextualizador de fragmentos, é levantada neste projeto. Esta é uma busca por respostas que levem a uma definição do perfil deste profissional que se transforma de acordo com o meio e se adapta. Essa questão pode ou não ser respondida ao fim deste projeto, mas a pergunta que fica em suspenso a fim de provocar a inquietação naqueles que, diante dos argumentos apontados nos textos dos autores citados anteriormente é: qual a função e o perfil deste profissional visto e considerado durante anos pela sociedade como “formador de opinião”?

O objetivo é verificar se existe a utilização de conteúdos externos à produção da TV, se este evento acontece de forma frequente, como esse material aparece no espelho<sup>1</sup> do jornal e de que maneira os jornalistas se utilizam destes materiais para a estruturação de suas

---

<sup>1</sup> Espelho de um telejornal é o cronograma de como o este telejornal irá se desenrolar. Prevê a entrada de matérias, notas, blocos, chamadas e encerramento do telejornal.  
<http://jornal.metodista.br/tele/manual/glossario.htm>

matérias. A partir desta observação tem-se a intenção de verificar se está ocorrendo uma “desconstrução” dos padrões e moldes antes estabelecidos, no que se refere à postura hierárquica na produção jornalística durante o exercício da profissão, seja nas ruas ou dentro das redações.

Para constatar se realmente ocorreu uma mudança nos padrões de produção é necessário rever seus conceitos básicos presentes nos manuais de telejornalismo. Relembrar o ciclo antes estabelecido para que um conteúdo seja veiculado é um ponto importante, pois mediante tal estrutura é possível mensurar o que mudou não só nos profissionais, mas também nos veículos que se colocam como pontes entre a sociedade e a informação produzida diariamente.

A intenção deste projeto é avaliar se na atualidade há uma inversão de conceitos que vão desde a produção, passando pela reportagem, até chegar à edição das matérias. Com isso, acredita-se que o trabalho pode contribuir para compreensão do cenário vigente do jornalismo audiovisual. Tendo como hipótese a existência do espaço onde o jornalista não é mais o detentor primário ou produtor do inédito, mas sim o organizador de peças de um grande quebra-cabeça formado por imagens e informações, resquícios de conteúdos apurados por sujeitos independentes de uma formação, mas que ganham destaque devido à relevância dos materiais que vêm produzindo.

Diante disso, o trabalho tem por essência a definição do perfil do jornalismo atual e seus novos aspectos de formação de conteúdo que, devido ao acesso rápido de novas tecnologias e mídias digitais, por diversas vezes, são construídos por lentes externas e não detentoras de formação acadêmica. O papel do editor, repórter, cinegrafista e produtor, tende a ser revisto e uma luz deve ser colocada sobre a forma de atuação destes profissionais no mercado para que se possa definir o que vem sendo transmitido pelos veículos de comunicação como conteúdo dotado de informação e não como uma simples reprodução de imagens, onde informar nem sempre é comunicar.

## **2. A CHEGADA DA TELEVISÃO, A IMPLANTAÇÃO DO TELEJORNALISMO E DA EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA DO VEÍCULO NO BRASIL**

O presente capítulo trata da implantação da televisão no Brasil e o impacto provocado por esse meio de comunicação desde os seus primeiros anos no país até os dias atuais. Nesse ínterim, será abordada a causa da televisão ser cotada como uma das mais importantes formas de propagação de conteúdo aos seus receptores, atualmente contemplando todas as classes sociais.

Ainda será feita uma análise da evolução da tecnologia de modo geral e de como isso influencia na maneira como a informação é transmitida. Ferramentas cada vez mais inerentes ao cotidiano moderno, como a internet e a interatividade que ela proporciona, serão observadas na ótica da transformação constante que ocorre na evolução do modo de se fazer jornalismo.

### **2.1 UM BREVE HISTÓRICO DA TV NO BRASIL**

O ano de 1950 marca a chegada da televisão no Brasil e com ela uma nova maneira de se transmitir informação. Em 18 de setembro daquele ano o jornalista e empresário Assis Chateaubriand, importou cerca de duzentos aparelhos de televisão e, através da também recém inaugurada TV Tupi, realizou no saguão do prédio dos “Diários Associados”, localizado na cidade São Paulo, a primeira transmissão televisiva do país. Em 1953 foi fundada a Rede Record, a emissora de TV mais antiga do país ainda em funcionamento nos dias atuais. (RIBEIRO *et. al.*, 2002).

Até então, o principal meio de comunicação e propagação de informação no Brasil era o rádio e, por conseguinte, a transmissão de áudio era pedra fundamental para o entretenimento e comunicação das massas. A televisão, por sua vez, apresentava a possibilidade de o receptor ter ao seu alcance também as impressões visuais sobre determinado programa. As primeiras reações do público ao se deparar com a televisão foram bastante curiosas.

Aqueles que só tinham, até então, ouvido falar de televisão [...] tiveram as mais diferentes reações ao ver as imagens que agora saíam daquela caixa de madeira. Estupefatos, duvidavam que “seus ídolos tivessem aquela cara” ao vê-los nas imagens onduladas, pouco nítidas e imprecisas que a televisão nos seus primórdios oferecia. (RIBEIRO *et. al.*, 2002, p. 27-28).

A década de 1960 foi marcante para o telejornalismo brasileiro, uma vez que foi nesse período que se deu a popularização da televisão no país e a consequente criação de novas emissoras de televisão, como a TV Excelsior, TV Globo e TV Bandeirantes, sendo as duas últimas presentes até hoje dentre os canais abertos de televisão. Ainda nessa época, foram realizados diversos concursos musicais na TV, o aparecimento da Jovem Guarda e da Música Popular Brasileira (MPB) que, sendo divulgados através da televisão, permitiram a consolidação do aparelho de TV como mídia audiovisual.

Na década de 1970 ocorreu um processo de modernização da televisão, com a consolidação dos aparelhos que permitiam transmissões em cores. A programação televisiva em si também foi modificada, alterando a sua produção e administração, criando um novo “padrão” de qualidade de transmissão. A TV Globo exprimiu um exemplo clássico dessa vertente.

“[...] uma vez rompidas as frágeis barreiras à entrada impostas por suas antecessoras, a Globo pôde passar a adotar uma estratégia de consolidação de audiências com base em aumento das exigências de investimento necessário à manutenção de um padrão de produção e de grade que impedem capitais mais fracos de disputar as suas faixas conquistadas de público.” (BOLAÑO, 1999, p.6).

Este “padrão” de qualidade será posteriormente reestruturado a partir dos anos 90, depois de um desgaste sofrido pela emissora em 1980, quando a opinião pública se destacou após o período do Regime Militar que vigorava no país. A emissora necessitava deixar no passado marcas do paralelismo com o poder nas décadas anteriores que a manteve nesse período, passando a adquirir importância central na nova República que se instalava no Brasil. (LAIA, 2012, p. 84).

O surgimento de emissoras como o SBT e a TV Manchete marcaram a década de 1980, em conjunto com a popularização e a modernização dos programas, devido ao fim da ditadura militar e também de um novo modelo de “jornalismo policial”, com a inserção de programas como o “Aqui e Agora”, transmitido pela TV Tupi e também pelo SBT, que instaurou um tipo de programa presente na programação televisiva até os dias atuais. Outro

fato marcante nesse período foi a extinção da primeira emissora de televisão do país, a TV Tupi.

A década de 1990 trouxe a TV por assinatura e a popularidade dos aparelhos de videocassete e de videogame. Isso promoveu uma reestruturação nos padrões dos canais abertos na busca pela popularidade devido à multiplicidade de oferta trazida pela TV a cabo. A TV Manchete foi extinta em 1999, sendo substituída pela Rede TV.

O espaço público brasileiro continuou mudando. A abertura democrática e a internet trouxeram a crítica à tona, por isso criou-se uma brecha para a contestação da atuação das empresas de comunicação, com destaque para a Globo. Ao mesmo tempo, o sucesso do Plano Real, a partir de 1994, aumentou o poder de compra das classes C, D, e E. (LAIA, 2012, p. 82).

Dos anos 2000 até os dias atuais o que se viu foi um grande aumento na tecnologia dos aparelhos e, conseqüentemente, das transmissões, capitaneado mais recentemente pela chegada da TV digital. No que tange a inovação nos programas, houve um crescimento nas atrações advindas de idéias que deram certo no exterior, especialmente os *reality shows* em suas diversas vertentes. De maneira geral, a interatividade com o público, marca a nova fase da televisão no Brasil.

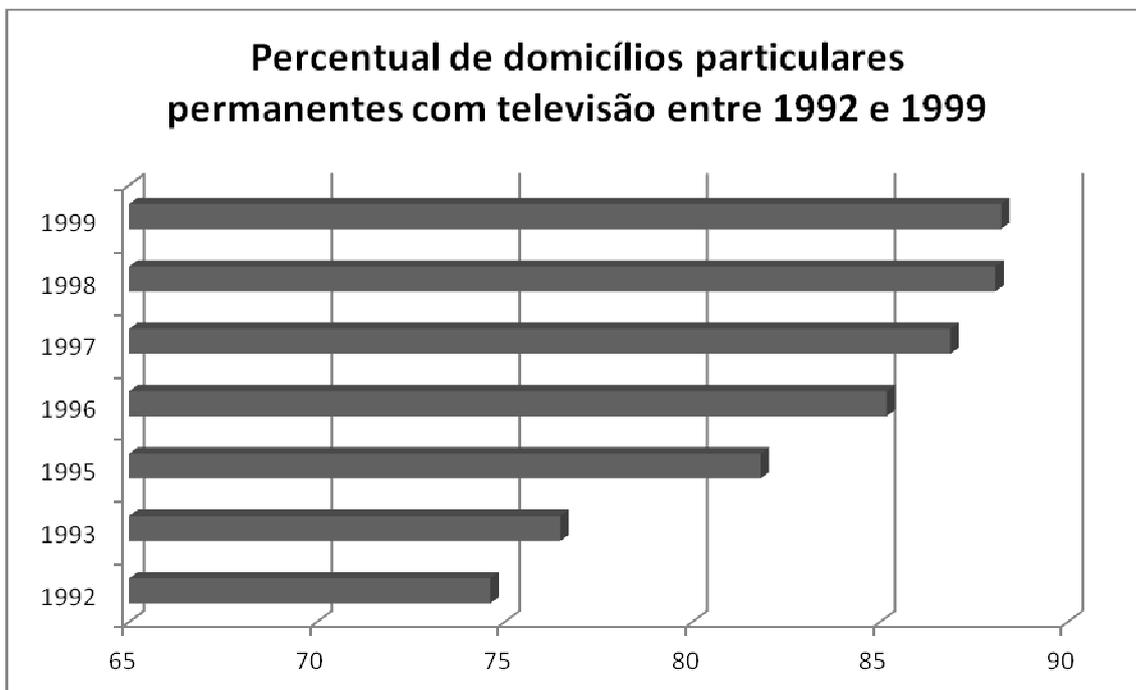
## 2.2 O TELEJORNALISMO E A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA

A televisão ainda exerce grande influência na vida dos brasileiros e é considerada como um dos principais meios de propagação da informação existentes. Vizeu (2000, p.32) corrobora dessa ideia quando afirma que: “a televisão é uma indústria cultural com participação decisiva na formação de identidades e no crescimento econômico dos países”.

Estatisticamente, a quantidade de aparelhos de TV tem aumentado ao longo dos anos. Informações do IBGE, entre 1992 e 1999, retratam que o número destes aparelhos cresceu cerca de 13,6% nos domicílios brasileiros, conforme demonstrado na Tabela 1.

**Tabela 1 - Percentual de TV's em domicílios particulares permanentes entre 1992 e 1999**

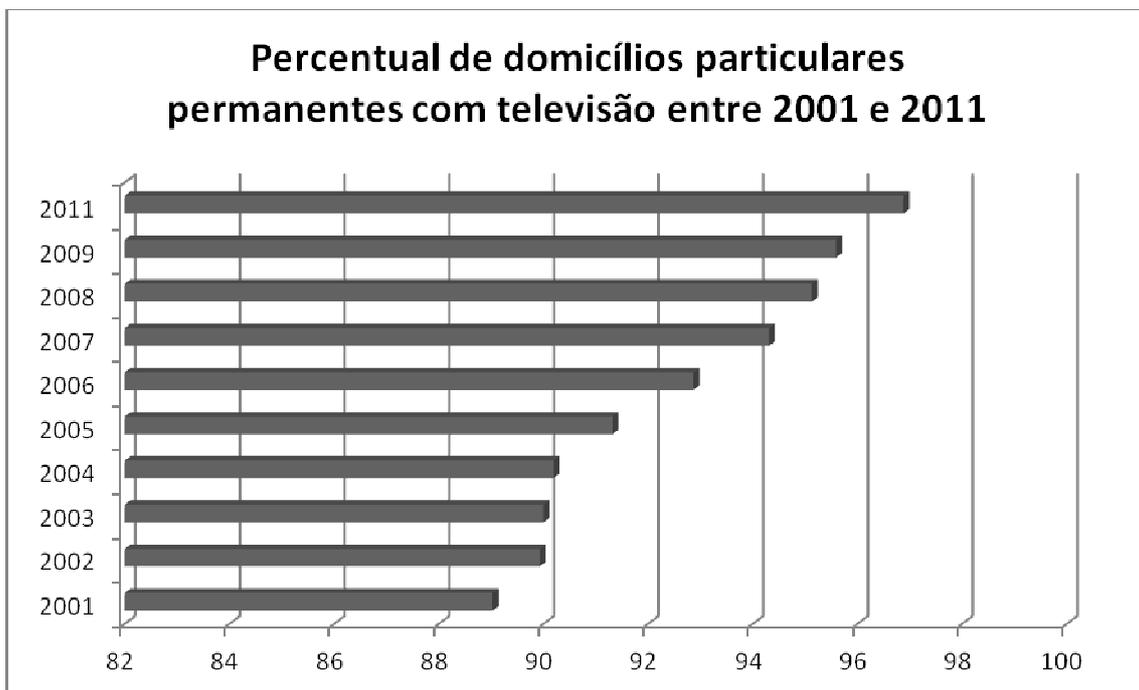
Domicílios particulares permanentes			
Ano	Com TV (%)	Sem TV (%)	Não Declarado
1992	74,62	25,34	0,04
1993	76,49	23,45	0,07
1995	81,82	18,13	0,05
1996	85,18	14,77	0,05
1997	86,88	13,09	0,03
1998	88,08	11,84	0,07
1999	88,23	11,7	0,07

**Gráfico 1 - Percentual de TVs em domicílios particulares permanentes entre 1992 e 1999**

Na década seguinte, o número de televisores continuou aumentando, conforme informações do IBGE descritas na Tabela 2.

**Tabela 2 - Percentual de TV's em domicílios particulares permanentes entre 2001 e 2011**

Domicílios particulares permanentes					
Ano	Com TV (%)	Com TV em cores (%)	Com TV em preto e branco (%)	Sem TV (%)	Não declarado
2001	89,03	82,97	6,06	10,93	0,03
2002	89,93	85,05	4,88	10,04	0,03
2003	90	85,84	4,16	9,94	0,06
2004	90,19	86,79	3,4	9,79	0,02
2005	91,32	88,62	2,7	8,67	0,01
2006	92,87	91,18	1,7	7,11	0,01
2007	94,31	93,37	0,95	5,69	-
2008	95,13	94,5	0,63	4,87	-
2009	95,59	95,2	0,39	4,41	-
2011	96,88	96,63	0,26	3,12	-

**Gráfico 2 - Percentual de domicílios particulares permanentes com televisão entre 2001 e 2011**

Com a popularização da internet na década de 1990 ocorreu uma revolução na maneira com que as pessoas se comunicavam. A circulação de informações se tornou instantânea de parte a parte, proporcionando a troca de mensagens em tempo real. Com o

advento das redes sociais, especialmente o Facebook, em 2004, e o Twitter, em 2006, essa situação se tornou cada vez mais cotidiana. Mais recentemente, com a popularização dos *smartphones*, o uso da internet tornou-se possível em qualquer lugar e a qualquer hora sem a necessidade do uso de um computador.

Para os jornalistas, a comunicação móvel com emissão e recepção simultânea, sem fio e em aparelhos portáteis significa uma reviravolta profissional. A popularização dessas novas ferramentas profissionais está provocando uma remodelação do jornalismo e dos diferentes meios portadores de notícias e informações em geral. O processo de comunicação dos novos meios digitais on-line agrega para os profissionais da informação e para todos os usuários, a mobilidade, a difusão e a recepção multilateral de qualquer tipo de mensagem particular, noticiosa ou comercial. [...] A maioria dos aparelhos informáticos móveis permite a conexão a web e a interação num fluxo on-line um-todos, todos-um, todos-todos (MAGNONI; AMÉRICO, 2007, p.11-12)

Através da junção entre mobilidade, espaço urbano e tempo real configura-se o jornalismo baseado no *live stream*, (ao vivo), amplificando a voz das ruas e, de certa maneira, modificando o trabalho dos profissionais de comunicação (SILVA, 2008).

[...] o *live stream* mencionado significa, por exemplo, a condição técnica de transmissão de vídeo ou áudio em tempo real de forma contínua cuja possibilidade até então era exclusiva dos *broadcastings* como emissoras de rádio e TV e, mesmo assim, a partir da utilização de um aparato mais complexo formado por uma estrutura mais pesada e que exigia um número maior de profissionais envolvidos no processo de cobertura. Nos moldes atuais o jornalista pode se estruturar em outras dimensões através da utilização de um ambiente móvel de produção formatado por ferramentas portáteis online [...] Advém daí uma potencialização da produção jornalística baseada na capacidade do desenvolvimento de atividades como apuração, edição e publicação utilizando-se de tecnologias móveis como plataformas. Entretanto, recaem algumas consequências que necessitam ser observadas e analisadas [...] (SILVA, 2008, p. n/p)

Esse cenário provoca uma ânsia pela informação que, por muitas vezes, é recebida em volume maior do que o observador é capaz de processar. Além disso, a concorrência entre veículos de comunicação de um mesmo segmento acaba por apresentar a mesma informação para o receptor ao mesmo tempo e cabe a ele filtrar a veracidade e confiança da informação de cada fonte, o que nem sempre é realizado naturalmente. Segundo Wolton (2010, p. 54), “velocidade e volume de informações não são sinônimos nem de qualidade e nem de pluralismo”, portanto, cabe ao receptor julgar se a informação recebida tem qualidade ou não.

Partindo dessa ideia, Wolton (2010) afirma ainda que o receptor nunca foi passivo e está cada vez mais ativo para resistir ao fluxo de informações e que, portanto, deve ser levado cada vez mais em consideração. E é exatamente o que vem ocorrendo atualmente na televisão brasileira nos mais diversos tipos de programas, desde *reality shows* até ao próprio

telejornalismo, onde o telespectador interage com o jornalista, enviando mensagens via celular, participando de enquetes ou enviando mídias para a composição da pauta de um telejornal.



Figura 1 - Tirinha Jornalismo 2.0 de Irlan Simões em <http://www.enecos.com.br/charge-jornalismo-2-0>

Por outro lado, o próprio Wolton (2010) afirma que não se deve dar total poder ao receptor, pois o jornalista é quem deve se responsabilizar pela contextualização das notícias, atuando como o mediador das informações que cada vez mais são processadas em grande volume. Para tanto, torna-se necessária a profissionalização do jornalista, de maneira que ele seja capaz de executar tal tarefa de forma satisfatória. Especialmente em textos advindos da internet, a difusão é, de maneira geral, realizada sem critérios de seletividade da informação, chegando ao receptor de forma crua quando não passa pela filtragem adequada.

Para uma considerável camada da sociedade a TV continua sendo uma fonte primária de informação. Portanto, em um universo onde há uma ampla gama de veículos e os mais diversos tipos de receptores, deve ser tomada uma maior atenção quanto ao conteúdo e a supervalorização da notícia.

Para a maioria das pessoas, os telejornais são a primeira informação que elas recebem do mundo que as cercam [...] Os noticiários televisivos ocupam um papel relevante na imagem que elas constroem da realidade. Acreditamos que buscar entender como eles são construídos, contribui para o aperfeiçoamento democrático da sociedade. (VIZEU, 2000, p.6)

Em entrevista, a jornalista e ex-editora chefe do Jornal da Alterosa Edição Regional, Elisângela Baptista, informou que grande parte do conteúdo reproduzido atualmente por telejornais é extraído ou retransmitido de redes sociais e de plataformas digitais. Sites e portais de notícias são diariamente utilizados como fontes de matéria prima,

principalmente pela televisão, pois estes por vezes possuem imagens que agregam credibilidade aos conteúdos apresentados no espelho do jornal.

[...] hoje todo mundo tem um celular e quer fazer uma imagem e essa imagem virou informação. Então essa informação é verdadeira, verdadeira porque você está vendo ela “verdadeira” (entre aspas) [...] Hoje eu tenho uma quantidade de informação enorme, que antes só as TV’s tinham acesso e que hoje qualquer transeunte pode ter. Passou na rua na hora, filmou, então chega primeiro que você no facebook, chega primeiro que a televisão. (BAPTISTA, 2014)

Tal exemplo será amplamente discutido no capítulo quatro deste trabalho, onde serão apresentados trechos de entrevistas com profissionais da área de telejornalismo e com o responsável por um portal de notícias da região. Será discutida a parceria com os fornecedores de material externo não produzido pelo telejornal e como são encarados os riscos que a utilização desse tipo de material apresenta na formação e definição do que é notícia.

Segundo Barbeiro (2003), a criação de um elo entre fonte e produção torna-se cada dia mais forte. A figura do repórter como um organizador da notícia está cada vez mais distante e sua presença no local do fato cada vez menor. A janela do mundo está ao alcance das mãos de qualquer espectador:

Os atentados terroristas contra Nova York e Washington reforçam o que vem acontecendo em coberturas ao vivo, mas nem todos os jornalistas se deram conta disso: a importância da reportagem construída a partir da imagem, sem a presença de repórteres nos locais dos acontecimentos. [...] a utilização da imagem bruta não pode prescindir da capacidade crítica do jornalista e de telespectador. Mesmo o ao vivo pode ser manipulado. (BARBEIRO, 2003, p.13-14).

É importante dizer que não se trata apenas de acrescentar imagens aos fatos apurados ou “reduzir o processo jornalístico às imagens”, conforme descrito por Barbeiro (2003, p.15). O conteúdo deve ser avaliado. Na geração da velocidade, o excesso de informação gera lacunas, abismos que podem levar a desinformação. No espetáculo da interatividade a tecnologia ganha uma forma robusta e o “centro da cena”, ofuscando o que é relevante na profissão jornalística, a notícia.

Barbeiro (2003, p.41) reflete sobre a produção do jornalismo atual, onde “as ferramentas são capazes de subsidiar, mas não de elaborar uma comunicação jornalística, por mais que alguns endeusem as possibilidades inesgotáveis dos bits.” Tal pensamento retrata os perigos da produção feita nas redações atuais, onde a facilidade de recebimento de informações, a velocidade de propagação destas pelo meio, é capaz de transformar o jornalista

em coletor de mensagens sem conteúdo. Imprimindo em seus espelhos de jornal, notas cobertas por imagens sem sentido e com informações imprecisas.

[...] jornalistas precisam estar informados e formados. Ao mesmo tempo em que colhem notícias têm que exercer uma atividade intelectual que exige conhecimento, discernimento e reflexão, bom senso e habilidades que nada têm a ver com apertar botões e repetir infinitas vezes as mesmas operações. (BARBEIRO, 2003. p. 42).

A “ferramenta”, como diz o dicionário: qualquer instrumento que se usa para a realização de trabalho, não deve sobrepor seu criador, mas auxiliá-lo na retratação do universo a seu redor. Assim como um pintor se utiliza dos pincéis, tintas e telas para transmitir seus pensamentos e exprimir suas ideias, também assim deve, segundo Barbeiro (2003), se portar o jornalista com seus aparatos tecnológicos.

### 3. A PARTICIPAÇÃO DO TELESPECTADOR NA PRODUÇÃO DE TV E O ATUAL PERFIL DO JORNALISTA BRASILEIRO

Neste capítulo será abordada a participação do telespectador na produção da notícia, quais são os riscos e as vantagens da parceria entre jornalista e telespectador, como se deu a passagem do público de simples observador para o cocriador de conteúdo jornalístico.

Serão apresentadas as ferramentas utilizadas pelos profissionais para definir o que é ou não uma notícia a fim de tornar mais claras as ideias sobre os conteúdos que estão sendo produzidos atualmente. Tais pontos deverão servir de parâmetro para justificar a hipótese de que mudanças vêm ocorrendo no cenário do jornalismo atual. Será apresentada uma pesquisa sobre o perfil do jornalista e sua influência no jornalismo que é produzido hoje.

#### 3.1. O TELEJORNALISMO:

Barbeiro (2003) e Pasternostro (2006) revelam em seus estudos os pontos principais da atividade diária de uma redação que vão desde a classificação de quem é responsável pela produção até a veiculação de um conteúdo. Em uma redação tradicional os assuntos que deverão ser pautados ficam sob os olhares de um produtor, definido por Barbeiro (2003, p. 89) como “elo entre o jornalista e os técnicos” e a ele é dada a responsabilidade de apuração primária do fato. O produtor é um “pesquisador inicial do fato”; seu olhar apurado tem a responsabilidade de garantir a idoneidade do conteúdo.

Basta apertar um botão para se perceber como o universo da TV vive em constante (r)evolução. [...] Tão antiga quanto o ser humano é a necessidade que ele enfrenta para criar os meios de receber e passar a diante a informação e o conhecimento.[...] A necessidade da comunicação humana levou o homem à conquista de meios eficientes para a propagação e troca de informações. A história da civilização humana se confunde com a história da criação desses meios. [...] Ainda bem que temos – uns mais do que outros - a capacidade de criar novos paradigmas para a sobrevivência. (PASTERNOSTRO, 2006, p18-21).

Ao repórter que sai a campo juntamente com o cinegrafista é dada a responsabilidade de, por meio de uma pauta, ou até mesmo diante de um factual<sup>2</sup> recolher as

---

<sup>2</sup> Factual: Que está relacionado ao fatos ou que se baseia nos mesmos; objetivo, imparcial. Que possui a existência verdadeira; em que há verdade comprovada; comprovado, verdadeiro, real. Que se pauta somente nos fatos, mas não procura compreendê-los e/ou interpretá-los. <http://www.dicio.com.br/factual/>

informações necessárias para a construção de um texto que possa ser “amarrado” com as imagens feitas no momento da ação. A este profissional é atribuída a função de construir e coletar as peças dos fatos, seus personagens, suas ações e informações que comprovem o que está sendo proposto como verdade, para assim, posteriormente este fato ser montado como um quebra-cabeça na redação.

Barbeiro (2003) comenta que ao editor de reportagem são direcionados todos os conteúdos a serem propostos. Cabe a este profissional a organização do texto e das imagens que foram recolhidas no local da ação por seus companheiros de equipe no momento da abordagem. No estudo proposto por este trabalho, o papel do editor se faz relevante, pois é ele quem direciona e tem o poder de decidir se algo entrará ou não em um determinado material. É importante ressaltar que esta pesquisa não avaliará o conteúdo dos vídeos que serão veiculados, mas sim a frequência com que estes aparecem nas matérias.

Ao editor chefe cabe a estruturação do jornal em um espelho que, segundo Barbeiro (2003), é um formato de texto que organiza por grau de importância as matérias que irão entrar em um jornal e a escolha dos materiais que serão utilizados no programa que irá ao ar. Este profissional é o último filtro antes de um material fazer parte da lista de reportagens que serão exibidas. Este espelho é um ponto importante a ser observado, pois ele reflete o pensamento, a linha editorial e estrutural do jornal, além de apresentar de forma documental a maneira como um telejornal é montado.

Refletir sobre os caminhos percorridos pela informação desde sua criação é um ponto importante nesta busca por respostas. Barbeiro (2003) discute que o jornalismo já não pode mais ser visto da mesma maneira na sociedade informacional e, por isso, o jornalista tem que se preparar para uma nova época que, segundo o autor, seria uma “época em construção e não em extinção” dos profissionais. Na era da informática e de circulação de informações com velocidade, levanta-se a questão sobre a função do jornalista nos dias atuais. É importante observar como esse jornalista tem lidado com as mudanças e inserções de matérias em suas produções, bem como com os riscos da não informação, seja com o auxílio de vídeos da internet ou com fragmentos de conteúdos não apurados diretamente por ele no momento da produção de suas reportagens.

O avanço da tecnologia desde o advento da televisão até agora com a expansão da internet, resultando no processo de convergências das mídias, vem provocando mudanças profundas [...]. Notícias que antes demoravam semanas, dias e horas para chegar ao nosso conhecimento hoje são transmitidas ao vivo, o que aumenta consideravelmente a responsabilidade do jornalista. Dilemas técnicos e éticos da profissão são cada vez mais postos em xeque, daí a necessidade de uma ampla discussão dos rumos do jornalismo [...] (BARBEIRO, 2003, p. 9)

Wolton (2010), quando discute a que ponto as tecnologias são capazes de produzir uma informação efetiva com conteúdo, levanta um ponto relevante para a condução desta pesquisa. Será mesmo que informar de forma rápida, em um fluxo intenso é capaz de gerar uma comunicação? Informar é comunicar? O autor reflete sobre as utopias que cercam a internet como veículo de informação, discute a capacidade das novas tecnologias e a real eficácia na resolução de problemas da comunicação.

A diversidade dos receptores torna caduca a teoria da comunicação. O aumento da circulação de informação, sempre mais rapidamente e de maneira mais igualitária, não aumenta a comunicação e a compreensão. Os receptores [...] resistem às informações que os incomodam e querem mostrar o seus modos de ver o mundo. A incomunicação torna-se um horizonte da comunicação. (WOLTON, 2010, p. 15)

Diante de novas potencialidades dos meios de transmissão de conteúdo o jornalista se vê cercado de aparatos e ferramentas operacionalizadores de suas rotinas diárias. As discussões sobre os caminhos percorridos pelo jornalismo recomeçam sempre que novas tecnologias surgem e são incorporadas à profissão.

### 3.2 O PERFIL DO JORNALISTA BRASILEIRO:

Para avaliar a mudança no papel do jornalista na produção da notícia televisiva, é necessário, a priori, entender qual é o perfil atual do jornalista brasileiro. Uma pesquisa realizada pelo programa de Pós-graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em parceria com a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) em 2012<sup>3</sup> definiu um retrato do profissional de jornalismo no Brasil. Foram abordados diversos tópicos, elencados dentro de características demográficas, políticas e do trabalho. A pesquisa teve ainda o apoio do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ) e da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e algumas das informações obtidas estão apresentadas neste trabalho na forma de gráficos e tabelas.

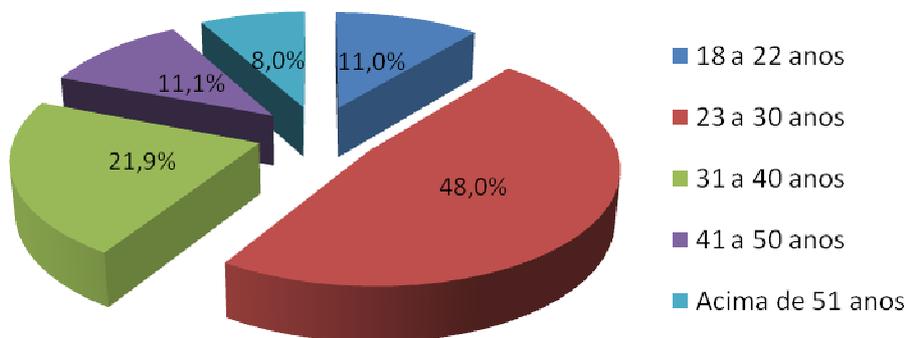
A avaliação do perfil do jornalista foi realizada através de enquete com a participação espontânea de 2731 profissionais de todo o país e também do exterior. A divulgação ocorreu por meio de redes sociais, notícias em canais especializados e pela própria

---

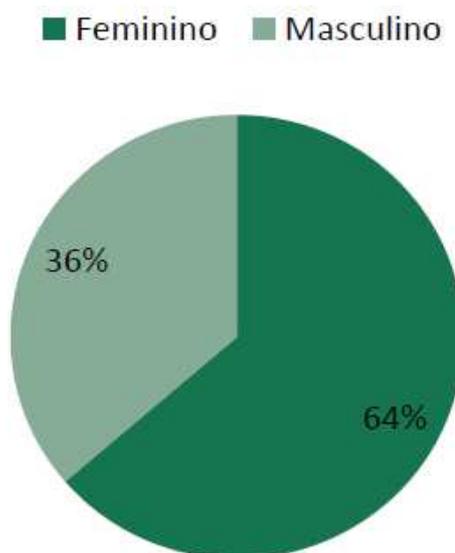
<sup>3</sup> Disponível em: [http:// www.fenaj.org.br/reinstitui/pesquisa\\_perfil\\_jornalista\\_brasileiro.pdf](http://www.fenaj.org.br/reinstitui/pesquisa_perfil_jornalista_brasileiro.pdf). < Acesso em 30/12/2013>

página da pesquisa na internet, contando também com a ajuda dos órgãos apoiadores do projeto. A coleta dos dados ocorreu entre 25 de setembro e 18 de novembro de 2012 e foi realizada online, por telefone e email. A pesquisa possui margem de erro inferior a 2%, em intervalo de confiança de 95%, considerando uma população de 145 mil jornalistas no Brasil.

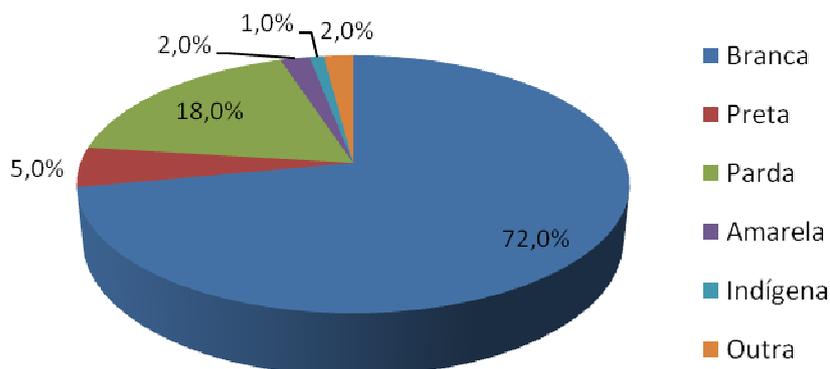
As primeiras características relevantes a serem observadas dizem respeito a etnicidade e a faixa etária do profissional, descritas nos gráficos de números três, quatro e cinco.



**Gráfico 3 - Jornalistas por faixa etária**



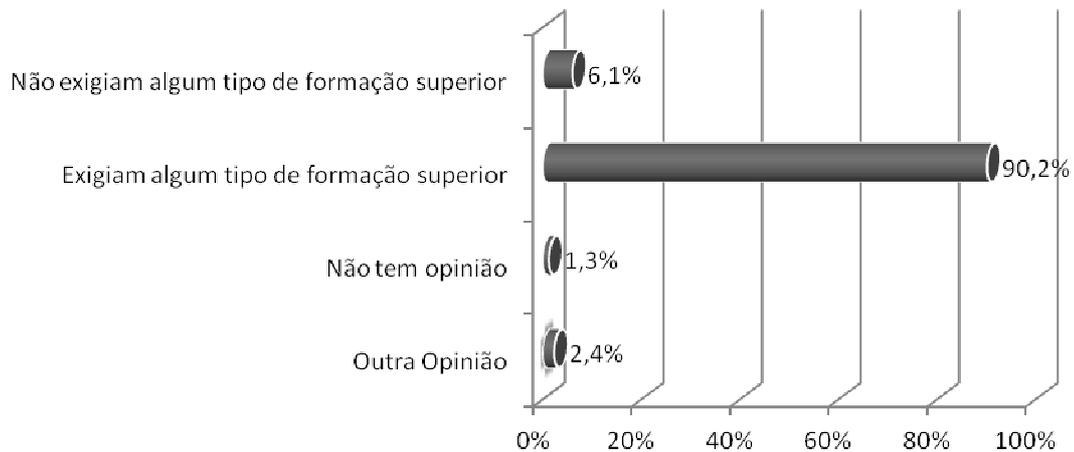
**Gráfico 4 - Jornalistas por sexo**



**Gráfico 5 - Jornalistas brasileiros por cor/raça**

Os gráficos três, quatro e cinco demonstram que o jornalista brasileiro é predominantemente, branco, do sexo feminino e tem idade entre 23 e 30 anos. Atualmente existe a preocupação das emissoras de televisão em apresentar profissionais da área jornalística de todas as raças, idades e de ambos os sexos, devido a isso e também ao maior número de mulheres nesta profissão, tem se tornado abundante o número de apresentadoras em diversos programas de TV, desde telejornais conceituados até a programas familiares ou com foco no público feminino.

Outro ponto abordado pela pesquisa foi a opinião dos jornalistas brasileiros no que diz respeito à exigência de formação para o exercício da profissão, explícita no Gráfico 6, onde fica clara a preferência do jornalista pela a exigência dos seus colegas de profissão possuírem o diploma de nível superior e a pesquisa ainda informa que 55,4% destes profissionais exigem também o diploma de jornalismo. Este assunto se tornou polêmico após 2009 quando o Supremo Tribunal Federal (STF) derrubou a exigência do diploma para o exercício da função de jornalista e voltou a pauta de discussão no país em dezembro de 2013, quando a Comissão de Constituição e Justiça da Câmara aprovou uma proposta de emenda constitucional para que o diploma em jornalismo seja requisito para o exercício desta profissão. A Tabela 3 apresenta o perfil educacional dos jornalistas brasileiros e evidencia que 98% possuem curso superior, mas apenas 91,7% destes, ou 89% do total possuem formação específica em jornalismo, ou seja, segundo a nova emenda constitucional, já aprovada também pelo Senado, apenas esses últimos estariam aptos ao exercício da profissão.

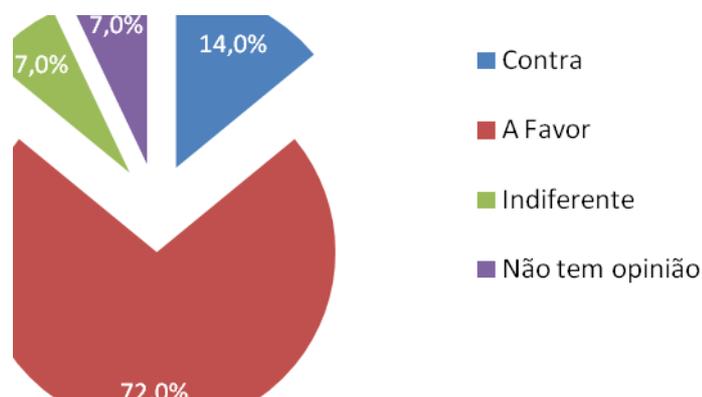


**Gráfico 6 - Opinião dos jornalistas brasileiros sobre a exigência de formação para o exercício da profissão**

**Tabela 3 - Perfil educacional dos jornalistas**

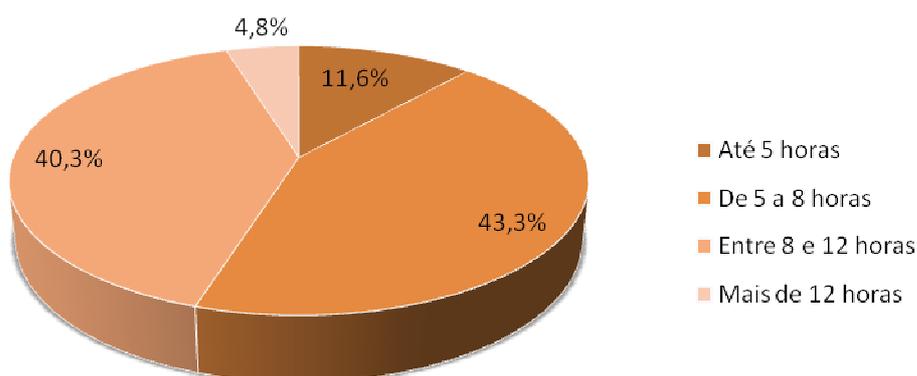
Jornalistas	(%)
- Com ensino superior	98%
- Com formação específica em Jornalismo	91,7% dos formados, 89% do total
- Diplomados em Jornalismo no ensino privado	61,2%
- Com curso de pós graduação	40,4%

A exigência do diploma de jornalismo para o exercício da profissão acaba por ser um pré-requisito para a regulamentação do profissional, tema abordado tanto pela pesquisa quanto por Wolton (2010), que afirma que a “regulamentação é indispensável”, no intuito de proteger a liberdade intelectual e de criação no âmbito da internet e da evolução tecnológica onde o volume de informação está em níveis bastante elevados. A pesquisa retrata a opinião do profissional a esse respeito por meio do Gráfico 7.



**Gráfico 7 - Opinião dos jornalistas brasileiros sobre a criação de órgão de autorregulamentação**

No que diz respeito à remuneração e à carga horária de trabalho, quase a metade dos jornalistas brasileiros trabalha por mais de 8 horas diárias conforme apresentado no Gráfico 8, e cerca de dois terços recebem até cinco salários mínimos (considerando o salário mínimo à época da pesquisa como R\$622,00). A pesquisa não contempla a questão dos plantões jornalísticos, que acabam acrescentando ainda mais horas de trabalho não contempladas diretamente no número já exposto.



**Gráfico 8 - Carga horária de trabalho dos jornalistas brasileiros**

Considerando os dados apresentados por esta pesquisa, pode-se analisar que o jornalista brasileiro, de uma maneira geral, possui qualificação adequada e trabalha por tempo suficiente para proporcionar ao receptor das informações a serem divulgadas, a qualidade e

coerência necessárias. Porém, ocorre que muitas das vezes a informação que é efetivamente obtida pelo receptor não possui a qualidade esperada, seja ela em forma de texto ou audiovisual. Isso ocorre principalmente devido a possibilidade encontrada nos dias atuais, de o próprio público atuar como expositor das informações e, em determinadas ocasiões, esse público não possui a característica mediadora do jornalista, de ser capaz de exercer a tarefa de divulgar a notícia da maneira mais adequada possível (WOLTON, 2010).

## **4. TV ALTEROSA ZONA DA MATA: DO NASCIMENTO AOS DIAS ATUAIS**

Este capítulo tem como objetivo apresentar um breve histórico sobre a TV Alterosa e suas afiliadas, tendo como foco de pesquisa a TV Aletrosa Zona da Mata. Será apresentado um perfil sobre os programas que são transmitidos atualmente pela casa e sua atual linha editorial na tentativa de esmiuçar as particularidades presentes na produção de seus programas, mais especificamente o Jornal da Alterosa Edição Regional.

Além disso, esta parte do trabalho de pesquisa apresentará uma série de entrevistas, definidas como estudo de caso, na tentativa de se delimitar e elucidar os moldes jornalísticos utilizados na produção dos programas apresentados atualmente pela emissora de TV.

### **4.1. HISTÓRICO**

TV Alterosa é uma importante representante das emissoras de televisão brasileiras. Foi fundada em 13 de março de 1962 e dois anos mais tarde foi incluída no grupo Diários Associados, fundado por, Assis Chateaubriand. Os Diários Associados são um conglomerado de mídia composto por 38 veículos de comunicação de todo o país, entre eles emissoras de rádio, televisão, portais de internet e jornais impressos como o jornal Estado de Minas, o jornal Aqui, o portal Vrum e o correio Braziliense<sup>4</sup>.

A emissora de televisão, TV Alterosa, cobre grande parte do Estado de Minas Gerais e representa uma das mais antigas emissoras de TV aberta em funcionamento no Brasil. Seu sinal é recebido por 842 municípios e visto por aproximadamente 18 milhões de telespectadores, representando 98% de cobertura em todo o Estado de Minas Gerais<sup>5</sup>. Afiliada ao SBT, Sistema Brasileiro de Televisão, a TV Alterosa tem o direito de transmitir os programas produzidos para a grade nacional em sua programação regional. Além da programação já exibida em Belo Horizonte, devido a uma parceria com empresários, em 1994, a TV Alterosa expandiu o seu sinal para mais 120 cidades do Sul de Minas, fundando a

---

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.diariosassociados.com.br> //< Acesso em: 15/10/2013>

<sup>5</sup> Informações sobre a abrangência e cobertura de sinal foram disponibilizadas pelo Departamento de Comunicação da TV Alterosa Juiz de Fora.

TV Alterosa de Varginha, que passou a ter noticiários e comerciais locais. Já na cidade de Juiz de Fora, ela se estabeleceu no dia 7 de março de 2000.

A partir do ano de 1996, teve início o projeto de expansão do número de afiliadas para todo o Estado de Minas Gerais, ampliando a sua área de cobertura. Foram instalados escritórios em cinco cidades: Uberaba, Divinópolis, Ipatinga, Montes Claros e Juiz de Fora. Com a ampliação de sua cobertura a empresa passou a transmitir seu sinal para 842 municípios mineiros. Em 2011, mais uma emissora foi implementada na rede, agora no leste de Minas, a TV Alterosa Leste de Minas, com sedes em Manhuaçu e Governador Valadares.

Atualmente, o sinal de cobertura da TV Alterosa Zona da Mata abrange 133 cidades da Zona da Mata mineira. Na sede da emissora localizada em Juiz de Fora são produzidos três programas, sendo estes: o Jornal da Alterosa Edição Regional, o Alterosa em Alerta e o programa Fatos em Foco.

#### 4.2. PROGRAMAÇÃO LOCAL: TV ALTEROSA ZONA DA MATA

O Jornal da Alterosa Edição Regional é um telejornal semanal, transmitido de segunda à sexta-feira, às 19 horas e 20 minutos, que tem o intuito de transmitir notícias de Juiz de Fora e Região. Sua linha editorial é voltada para um jornalismo cidadão<sup>6</sup>, tendo a participação efetiva do público na produção da notícia e a interação por telefone via mensagens de texto. O conteúdo de suas matérias apresenta basicamente os problemas dos bairros da cidade, violência, acidentes e questões que envolvam denúncias políticas ou sociais. Atualmente, o Jornal tem como apresentador e editor chefe, o Jornalista Rodrigo Dias<sup>7</sup>.

O Programa Alterosa em Alerta, é um telejornal que tem como linha editorial um jornalismo policial com um toque de entretenimento e humor. Suas matérias vão desde homicídios até a pegadinhas engraçadas e curiosidades do cotidiano. O programa é atualmente

---

<sup>6</sup> O jornalismo cidadão, participativo ou colaborativo, é aquele em que as audiências atuam na produção e publicação de notícia. A mobilidade ganha mais usuários e relevância com o advento da internet e as novas tecnologias de captura, produção e disseminação de informações, que possibilitam a cada pessoa a fazer cobertura de um fato noticioso. (SOUSA E MEDEIROS, 2010)

<sup>7</sup> O jornalista Rodrigo Dias, não foi consultado nessa pesquisa, pois passou a atuar como editor chefe do Departamento de Jornalismo da TV Alterosa após o período selecionado para a análise dos jornais utilizados no projeto. Este profissional passou a ocupar o cargo em Outubro de 2013.

apresentado pelo radialista Valmir Rodrigues e tem como editor responsável o jornalista Rodrigo Dias.

Já o programa Fatos em Foco tem sua linha editorial voltada para o entretenimento dos telespectadores de Juiz de Fora e região. Apresenta dois quadros sendo eles: “Circuito Social”, um compacto com a cobertura de festas e/ou eventos da sociedade de Juiz de Fora e de cidades da região; além do quadro “Gente de Expressão”, um bloco de entrevistas com personalidades políticas, artistas e pessoas de relevância social. José Luiz Magrão é o responsável pela apresentação do programa que vai ao ar aos sábados pela TV Alterosa.

### 4.3. ESTUDO DE CASO:

Este tópico tem o propósito estabelecer se houve uma alteração no jornalismo que é produzido e se ocorreu uma reorganização no perfil do profissional da área. Para tanto, foi realizada uma pesquisa quantitativa e o levantamento de dados com alguns dos profissionais da TV Alterosa Zona da Mata, emissora que produz o Jornal da Alterosa Edição Regional. Durante a pesquisa quantitativa foram analisadas as edições do Jornal da Alterosa Edição Regional entre os dias 05/08/13 e 16/08/13.

#### 4.3.1. Entrevistas:

Foram feitas entrevistas presenciais com alguns dos membros da equipe de jornalistas que atua diariamente na TV Alterosa e com profissionais que influenciaram direta, ou indiretamente no conteúdo que é transmitido Jornal da Alterosa Edição Regional, no período analisado. As produtoras Regina Ramalho e Juliana Zoet foram consultadas a fim de explicar como é feita a produção em uma redação de TV, de esclarecer pontos importantes sobre o perfil do jornalista e do jornalismo no cenário atual, de verificar se houve alguma mudança na definição do jornalista como produtor da notícia e de entender o que muda na produção jornalística com a inserção de materiais externos nas notícias que são veiculadas atualmente pela TV Alterosa Zona da Mata.

Davi Ferreira, editor de reportagens da TV Alterosa Zona da Mata, foi questionado quanto aos métodos de triagem e seleção de materiais que são adicionados às matérias produzidas pela casa e se a utilização deste material pode influenciar na produção

das reportagens, a fim de estabelecer os riscos presentes nesta utilização. Já para o repórter cinematográfico da TV Alterosa Zona da Mata, Marco Fagundes, foram feitas perguntas no que se refere ao uso de imagens, produzidas por cidadãos comuns em matérias da TV, se há uma utilização indiscriminada de imagens e quais são os riscos para o trabalho jornalístico. Foram consultados também a ex-editora chefe do Jornal da Alterosa Edição Regional, Elisângela Baptista, editora em exercício durante o período avaliado da pesquisa, e o jornalista e produtor de conteúdo de internet, Silvan Alves, um dos colaboradores mais presentes no espelho do Jornal da Alterosa. Ambos foram questionados sobre a utilização destes materiais na programação, quais os riscos, os principais danos e as mudanças no perfil do jornalismo que se é produzido atualmente.

Tais nomes foram escolhidos por atuarem direta, no caso dos profissionais que trabalham na TV Alterosa Zona da Mata, ou indiretamente, no caso do produtor de materiais para o site e da ex-editora chefe, na avaliação, na produção e criação do Jornal da Alterosa. As entrevistas foram feitas de forma presencial, com os profissionais da casa, e pela internet com o representante do site, pois este mora em outra cidade.

Foram escolhidas duas semanas de produção jornalística para o acompanhamento deste trabalho, contemplando o período de análise entre os dias 05/08/13 e 16/08/13. Também foram contabilizadas as inserções de materiais externos separados por matérias, e a quantidade de materiais exibidos por dia, tendo como objetivo tornar visível o volume e o grau de importância deste tipo de conteúdo perante o que é produzido internamente.

Regina Ramalho é produtora da TV Alterosa Zona da Mata desde sua implantação na cidade de Juiz de Fora, em 2000. Seu olhar sobre a produção da notícia descreve um cenário que abrange desde as primeiras matérias que eram produzidas sem a ajuda de meios de comunicação como a internet, até os dias atuais com o auxílio de ferramentas como o “WhatsApp Messenger”<sup>8</sup>, um aplicativo que é capaz de enviar fotos, vídeos e mensagens via celular.

Para a jornalista, a participação do público se dava de forma diferente e, com isso, as matérias nasciam de maneira mais distinta. As matérias eram pautadas com ajuda de escutas de rádio, de entrevistas com pessoas nas ruas, de recados deixados na portaria da emissora, mas quando chegavam às mãos do repórter tornavam-se matéria-prima para em sua busca *in loco* ganhar corpo e se transformar em notícia.

---

<sup>8</sup> WhatsApp Messenger é um aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular sem pagar por SMS. Está disponível para smartphones iPhone, BlackBerry, Windows Phone, Android e Nokia. Fonte: <http://www.whatsapp.com>.

Acho que fazíamos coisas que não fazemos mais. Nós apurávamos muito pelo rádio, eu acho que é de fundamental importância, porque o rádio estava ligado à comunidade. [...] vamos trazer também a acomodação do repórter, o mais importante era você ir e verificar. Geralmente essas informações chegavam por uma rádio, ou por telefone, ou por uma pessoa que te procurava na redação. Antes você saía com uma linha de pauta da redação e você verificava se realmente aquilo estava acontecendo, e viraria uma matéria, não uma pauta, mas uma matéria completa. [...] Eu acho que a diferença está aí: o repórter não se acomodava tanto. (RAMALHO, 2013)

Quando reflete sobre o jornalismo atual e a prática de um jornalismo mais participativo, a jornalista comenta que a participação do público na construção da notícia também é importante, assim como era no passado, mas os riscos de manipulação de conteúdo cresceram de acordo com a demanda, quanto maior a oferta, maior a procura e maiores são os riscos de errar. Devido ao curto tempo disponível entre o processo de gestação da ideia, da apuração e concretização da pauta, a produtora revela que muito se perde no caminho, principalmente, pelo pouco tempo de diálogo entre os produtores e repórteres.

[...] Antigamente o produtor tinha mais tempo de descobrir as coisas, tinha dificuldades, mas ele tinha o seu papel, era o primeiro a dar o passo para o repórter ir para rua, mesmo sabendo que tudo ia mudar. Hoje a tecnologia ajuda o produtor, mas ajuda se ele tiver condições, se ele não tiver tão atarefado com tantas tarefas que ele tem de uma vez. Ela ajuda muito em locais que você tem muitas pessoas trabalhando para você. Elas vão olhar sites, telefonar, ver a veracidade daquelas informações dispostas naquela tecnologia. É muito complicado você definir um produtor de uma emissora como a nossa [...] (RAMALHO, 2013)

Em um mundo cercado de tecnologias a produtora revela que mesmo com tantas ferramentas novas e apesar de gostar do que faz, existem inúmeras dificuldades de se produzir jornalismo hoje: “acho difícil de ser produtora. Eu gosto do jornalismo, mas acho que atualmente a que a logística não ajuda” (RAMALHO, 2013), pois segundo ela existem a cada dia menos profissionais nas redações e mais máquinas em seus lugares. Onde antes havia três pessoas para operar, apurar, e ir a campo, hoje há apenas duas - uma que opera e apura e outra que junta, organiza e vai à campo.

Contrapondo essa visão mais pessimista dos usos da tecnologia na produção da notícia a repórter/produtora Juliana Zoet, jornalista que atua há cinco anos na área de TV, revela que essa relação entre o jornalismo e a tecnologia pode ter sim vantagens, mas que os riscos na hora da produção e apuração criam uma fronteira muito frágil e tênue em torno do fato.

Juliana acrescenta que houve uma mudança na maneira de se apurar, pois hoje se tem um número maior de ferramentas, mas afirma que os mesmos cuidados de apuração e checagem de conteúdo persistem. Hoje, segundo a jornalista, os profissionais recebem informações das mais diversas fontes, logo, a apuração deve ser tão minuciosa quanto era antigamente.

Quando questionada sobre o critério de confiabilidade da notícia atualmente ser alterado por conta do fluxo intenso de informações, a produtora descreve que mesmo com a velocidade com que os conteúdos são repassados não só para imprensa, mas também disseminados pelas redes, a apuração dos fatos é executada com os mesmos critérios antes estabelecidos:

[...] Não, não acho, eu acho que a confiabilidade é a mesma justamente por esse processo de checagem. Eu acho que o jornalista hoje tem que ter essa preocupação muito grande de que – ah! Eu recebi a foto então eu vou botar ela no ar - não, ela tem que ser averiguada igual era antigamente. Hoje eu acho que é mais fácil a gente checar, justamente por isso! Você liga para polícia e eles falam que não tem nada, mas aí vem um morador que fala que duas crianças foram baleadas; ou então você viu em um site que aconteceu um latrocínio em Santos Dumont, você não conseguiu com uma fonte oficial, mas você viu em um site que isso aconteceu e isso vai ser apurado. Eu não vou pegar lá e vou jogar no ar, por isso que eu acho que deve ter essa apuração, essa averiguação, por isso que eu acho que a apuração é a mesma que era feita antigamente. (ZOET, 2013)

Para Davi Ferreira, editor de reportagens da TV Alterosa Zona da Mata, esse processo de apuração amplo é necessário para evitar que erros ocorram durante a edição das matérias. Ele coloca que critérios como relevância social de um conteúdo são pontos extremamente importantes na hora da avaliação, e que não se pode atualmente fugir da utilização desses materiais, pois muitas vezes o outro ângulo apresentado pelo telespectador jamais seria obtido por um profissional e devido a isso o próprio telespectador acrescenta e dá um tom de veracidade ao que é transmitido. Quando indagado quanto a uma possível manipulação do conteúdo por parte daqueles que enviam os materiais e da diferença entre os materiais externos e o que é produzido por profissionais, o editor aponta que a manipulação é algo que pode ocorrer e que, por isso, os conteúdos enviados devem ser sempre apurados.

Olha, o risco de manipulação você sempre tem. Eu acho que é mais arriscado você ter uma manipulação que chega da prefeitura e do governo do que ter o risco de manipulação de um material que chega da população. Risco de manipulação desse material você sempre vai ter, mas você sempre vai apurar o outro lado, apurar o fato, vai ver os outros pontos da coisa antes de colocar no ar. Você não pode de maneira nenhuma acreditar, ‘olha isso aqui é isso’ e vai jogar no ar sem apurar. Você quando tem um material na sua mão você tem uma responsabilidade muito grande, eu por exemplo sou responsável por todo esse material que chega, então é por isso que eu entro na redação e fico pedindo para verificar o material. Em relação a enriquecer, enriquece muito o trabalho do jornalista, porque você não está falando de qualidade de imagem de uma câmera, eu estou falando do ângulo do fato, porque, como eu disse anteriormente, essa pessoa vai estar filmando de um ângulo que muitas vezes o cinegrafista da TV não poderia filmar (FERREIRA, 2013)

Mesmo com esse olhar diferenciado da informação e apresentado de uma nova perspectiva, muitas vezes não alcançada pelos repórteres cinematográficos, a utilização destes materiais deve ser revista e acompanhada com cautela, pois o olhar que está se revelando é da pessoa que está no local, não o de um profissional. (ZOET, 2013).

O que me incomoda muito quando a gente pega a imagem de alguém é essa questão de que essa imagem quem fez foi a Polícia Militar, ou essa imagem que fez foi o morador. Eles estão me dando o olhar deles da situação, eu não fui lá para ver, então eu prefiro muito mais mandar a equipe lá para ver o buraco do que esperar, porque na nossa equipe a gente confia que tem uma busca pela imparcialidade. Mas é uma coisa que eu acho complicado, porque a gente está mostrando o olhar daquela pessoa que fez aquelas imagens. O que ela omitiu naquelas imagens? Eu não sei, eu estou vendo só o que ela quer me mostrar. (ZOET, 2013)

Para a ex-editora chefe do departamento de Jornalismo da TV Alterosa Zona da Mata, Elisângela Baptista, a sociedade atual está vivendo um processo de mudança, uma reestruturação no comportamento da sociedade como um todo e a informação estaria prevalecendo sobre a técnica e sobre a imagem. Elisângela destaca que o papel do cidadão nesse processo de captação das informações está sendo importante e que a população está servindo de referência para pautar a mídia. Ela ressalta que hoje vivenciamos uma situação em que a TV não tem como fechar os olhos para este contexto, sob a pena de sofrer furo da concorrência. “É melhor você acompanhar pelo *Facebook* do que você acompanhar pela TV”, (BAPTISTA, 2014). Mas ressalta que a apuração é de suma importância no processo de produção da notícia, pois a garantia de credibilidade é estabelecida por essa apuração.

A apuração é base fundamental neste modelo de coleta de informações, segundo todos os profissionais entrevistados, pois as imagens são recebidas de origens distintas. Sites, redes sociais, fontes oficiais e a própria população são as principais bases utilizadas pela

produção no momento da pesquisa da veracidade do fato. O site do jornalista Silvan Alves, “Silvan Alves/Notícias em Tempo Real”, é uma dessas plataformas utilizadas e que esteve presente em grande parte do material veiculado pela TV Alterosa durante essa pesquisa. Para Silvan, a utilização destes materiais pelas emissoras é uma forma de ampliar o alcance da notícia que é produzida. Ele resalta que a internet, para o trabalho que ele desenvolve, é uma ferramenta importante nos dias de hoje, pois com a visibilidade e o alcance dos telejornais da região, ele consegue levar as notícias da sua cidade para outras localidades. Silvan acrescenta que a apuração tem se estabelecido de forma mais ampla com o auxílio da internet e que o jornalista tem se modificado bastante com o suporte desta ferramenta. Segundo ele, o processo de construção, apuração e estruturação de uma matéria feita por uma emissora de TV é mais lento do que o exercido atualmente em seu site. “Outros veículos têm mais trabalho, entrevistas gravadas, imagens e edição. Posso divulgar um fato completo no mesmo instante ou 20 minutos depois, como tenho feito aqui.” (ALVES, 2014).

Mas qual seria o perfil deste profissional dotado de tantas ferramentas, antes somente vislumbradas no cinema em filmes de ficção científica? Quem é este profissional que opera computadores, faz vídeo, áudio, utiliza de novas formas de geração e transmissão em tempo real adotada pelo jornalismo digital? (SILVA, 2008, p. n/p)

Na opinião de Elisângela Baptista o jornalista atual não teria um perfil definido. Segundo a ex-editora, este profissional ainda busca por essa definição.

Eu acho que o Jornalista não tem um perfil definido. Ele ainda busca: ‘Onde é que eu vou atuar? Como que eu vou fazer? Eu confio em quem? Como eu apuro? O que eu vou fazer com essa quantidade de matérias?’ Então eu acho assim, são muitas informações que chegam, informações novas e eu acredito que o jornalista tenha perdido um pouco de controle diante de tantas informações. Então eu acho que não tem um perfil definido ainda, o jornalista está definindo qual é o papel dele no meio de tantas informações. Esse novo jornalismo que está crescendo talvez tenha que ser um jornalismo mais responsável, talvez tenha que se ter mais cuidado, porque as informações chegam de maneira muito fácil. Assim também o editor, ainda mais, porque ele vai ter que responder por situações que não tiveram a fonte primária na mão dele, da equipe que ele confiou. Esse novo editor tem que ser ainda, vamos dizer, uma mulher maravilha...(risos) só Deus! (BAPTISTA, 2014)

Já a produtora Juliana Zoet, acredita que o perfil do jornalista quanto apurador da notícia continua o mesmo, mas as formas de se apurar mudaram.

[...] o perfil continua sendo o mesmo, porque se não está no site à gente liga para um morador e pede para ele bater uma foto, aí entra a questão da tecnologia, hoje em dia o morador tem uma câmera que ele consegue bater a foto e tem internet para mandar esse material pra gente, antigamente não teria. Eu acho agora que os jornalistas têm que ser mais antenados. Acho que eles têm que usar mais as redes sociais como fonte de informação, porque as fontes mudaram, mas o perfil continua o mesmo. O perfil do jornalista formado, que trabalha em um veículo de comunicação sério, não daquela pessoa não formada, que se diz repórter. (ZOET, 2013)

As entrevistas serviram de base para formular uma conclusão e traçar um panorama da possível mudança no papel do jornalista na sociedade atual. No próximo tópico serão apresentadas informações relativas às reportagens internas e externas, com o intuito de dar maior embasamento para o tema em discussão.

#### **4.3.2. Análise de inserções de materiais:**

Neste tópico foram analisadas as inserções de materiais produzidos ou não pelas equipes da TV Alterosa Zona da Mata e exibidos nas reportagens apresentadas no período de 05/08/13 à 16/08/13 no Jornal da Alterosa Edição Regional. Os materiais que foram efetivamente produzidos pela equipe serão tratados como “internos” e aqueles de origem alheia ao time da produção do Jornal da Alterosa serão chamados de “externos”. Já o período analisado foi dividido entre duas semanas, sendo a primeira compreendida entre 05/08/13 e 09/08/13 e a segunda entre 12/08/13 e 16/08/13. Com base nessa denominação, o padrão do jornalismo atual será examinado no que tange à construção de um telejornal em termos das notícias apresentadas por meio de materiais originários do próprio público ou daqueles efetivamente divulgados pelos jornalistas.

O objetivo desta análise é verificar a presença de materiais produzidos, seja por telespectadores, por câmeras de segurança ou outros veículos, no espelho do jornal durante o período de pesquisa.

As tabelas 4 e 5 apresentam dados referentes aos materiais inseridos no Jornal da Alterosa Edição Regional no período analisado. A primeira aponta informações atribuídas a semana entre os dias 05 e 09/08/13 e a segunda entre os dias 12 e 16/08/13. Nestas tabelas é possível observar o total de materiais exibidos por dia, além do título da reportagem e quais foram as mídias recebidas que foram advindas dos telespectadores do programa.

Tabela 4 - Inserções de materiais exibidos no período de 05 a 09/08/13

Data	Nº de materiais exibidos	Matéria	Imagem Telespectador
05/08/13	13	Imóveis desabam em Lima Duarte	Vídeo feito por moradores dos imóveis na hora do desabamento das casas
		Acidente em Guarani	Fotos dos acidentes feitas pelos bombeiros de Ubá
06/08/13	9	Mais ambulâncias no SUS	Imagens cedidas pela agência Minas Mídia
		Assalto Atrapalhado	Imagens cedidas pela loja (circuito interno do estabelecimento)
		Apreensão de cigarros	Imagens cedidas pela Polícia Rodoviária Federal
		Operação Muriaé	Fotos site Silvan Alves
		Pitbull ataca dona	Fotos site “Interligado Online”
		Ameaça em show	Imagens de telespectadores e do <i>Facebook</i>
07/08/13	5	Assalto em padaria	Imagens do circuito interno da padaria
08/08/13	6	Tiros e morte em Barbacena	Imagens cedidas pela TV Estrada Real de Barbacena/ Imagens de celular de telespectador/ Fotos do <i>Facebook</i>
09/08/13	12	Flagrante de arrombamento	Imagens do circuito interno da loja
		Enterro em Barbacena	Imagens cedidas pela TV Estrada Real de Barbacena/ Imagens de celular de telespectador/ Fotos do <i>Facebook</i>

Tabela 5 - Inserções de materiais exibidos no período de 12 a 16/08/13

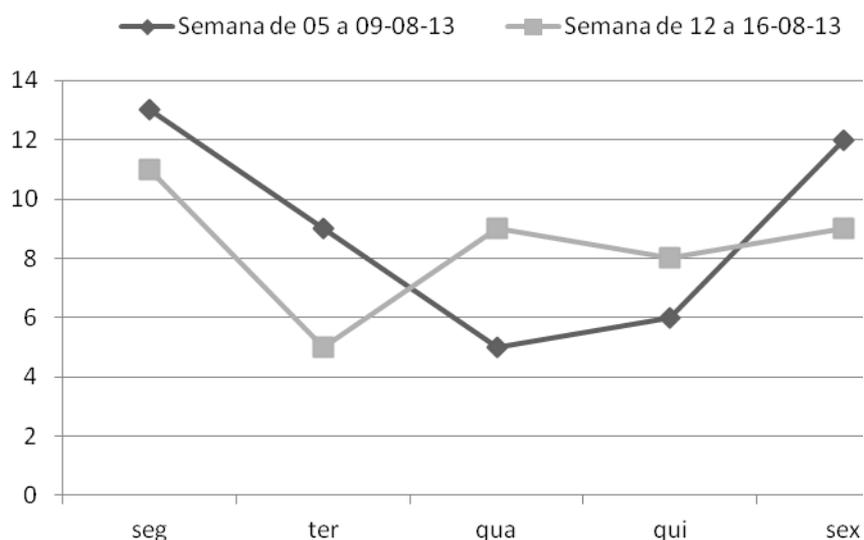
Data	Nº de materiais exibidos	Matéria	Imagem Telespectador
12/09/13	11	Bate em vaca e morre	Imagens site Silvan Alves
		Provocações voltaram	Imagem cinegrafista amador
13/09/13	5	História dos trilhos	Imagens cedidas de arquivo pessoal
		Caminhões recuperados	Imagens cedidas pela Polícia Civil
14/09/13	9	Acidentes causados por imprudência	Imagens cedidas pela MRS
		Cartório é Furtado	Imagens circuito interno
15/09/13	8	Nos trilhos do progresso	Imagens cedidas pela MRS/Imagens cedidas pela assessoria da PJF
		Caminhão tomba	Imagens cedidas pela PRF
16/09/13	9	Toneladas de drogas apreendidas	Imagens cedidas pela Polícia Federal
		Obras no Granbery	Imagens cedidas por telespectadores
		Homem morre atropelado na via férrea	Imagens cedidas por telespectadores

Durante a análise não será avaliada a qualidade do material apresentado, mas o número de vezes em que este tipo de inserção ocorre durante a edição do telejornal objeto de estudo. A Tabela 6 apresenta o total de materiais verificados, de matérias produzidas e de materiais externos analisados durante os 10 dias de acompanhamento.

**Tabela 6 - Totais da inserção de materiais entre 05 e 16/08/13**

Total de materiais verificados	Total de dias analisados	Total de matérias produzidas pela emissora	Total de inserções de materiais externos
87	10	60	27

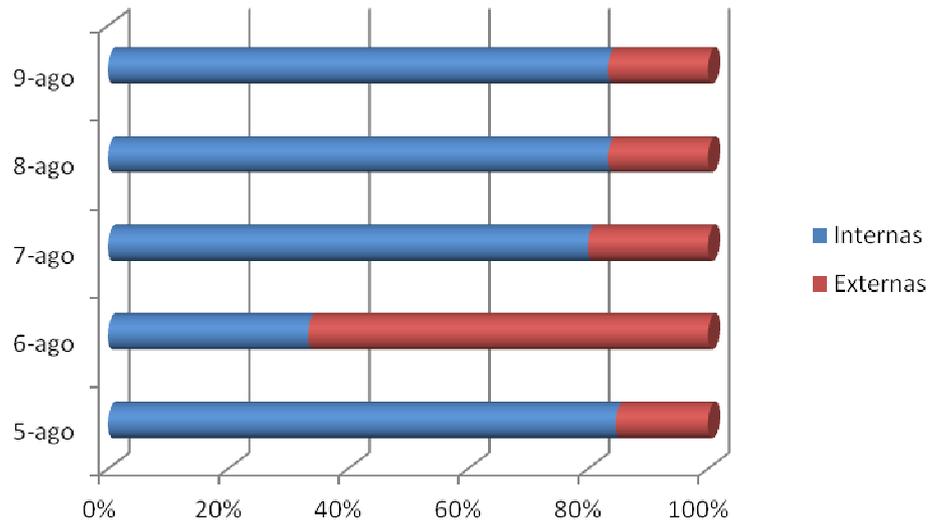
O Gráfico 9 apresenta o número total de materiais exibidos por dia da semana durante os dois períodos analisados, onde é possível verificar um maior número de matérias na segunda-feira, dia em que são apresentadas as reportagens produzidas no domingo, dia em que o Jornal da Alterosa Edição Regional não vai ao ar.



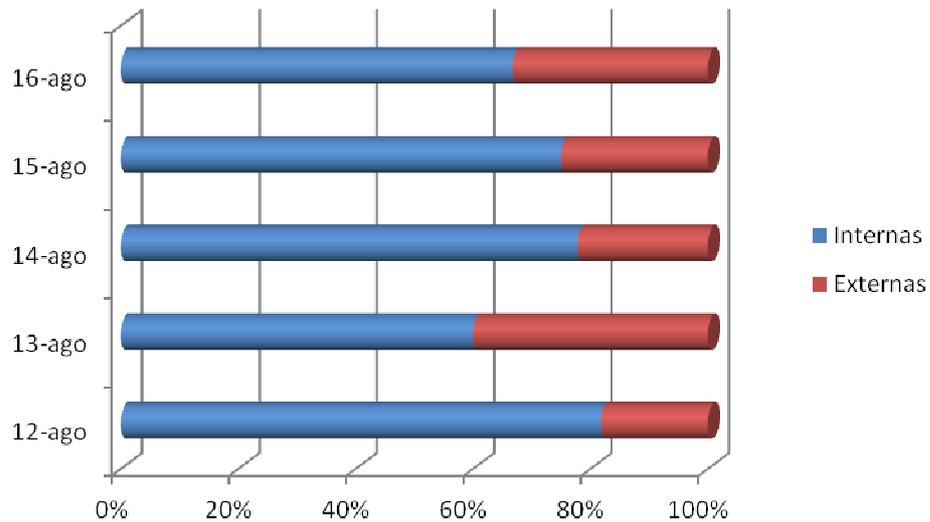
**Gráfico 9 - Número de materiais exibidos por dia da semana**

Uma comparação entre os materiais internos e externos exibidos no telejornal sob estudo pode ser visualizada no Gráfico 10 para a primeira semana e no Gráfico 11 para a segunda semana. Em ambos os casos, observa-se que em geral, grande parte dos materiais exibidos é elaborada pela própria equipe da TV Alterosa, porém, em todos os dias existe uma

parcela de matérias, de conteúdos produzidos externamente. Ainda é possível se perceber que há em determinados dias um maior número de materiais externos exibidos do que reportagens da casa.



**Gráfico 10 - Tipo de imagens exibidas entre 05 e 09-08-13**



**Gráfico 11 - Tipo de imagens exibidas entre 12 e 16-08-13**

## 5. CONCLUSÃO

Este trabalho de conclusão de curso propôs-se a investigar se ocorreu de forma efetiva uma mudança no papel do jornalista no processo de produção da notícia televisiva, além de avaliar a participação do público na elaboração do telejornal. O objeto de estudo para tal avaliação foi o Jornal da Alterosa Edição Regional.

O papel do profissional da área de jornalismo passa por uma constante evolução e tal processo está intimamente ligado às inovações tecnológicas que se desenvolvem com o passar dos anos. Uma mudança, por assim dizer, em seu meio de trabalho se deu, como se deram tantas outras, durante séculos de evolução dos meios de comunicação. O perfil do jornalista atual ainda é indefinido, pois este profissional passa por uma adaptação aos aparatos que o cercam.

A tecnologia foi um ponto crucial e revelador dessa pesquisa, pois por meio destas aplicações modernas transpuseram-se barreiras políticas, econômicas e sociais, quando o cidadão comum passa a se comunicar de forma mais efetiva e a produzir conteúdo por intermédio de aparelhos e com o auxílio da internet. O controle do fluxo de informação, antes dominado pelas empresas de comunicação, passa por uma reestruturação onde o ser comum tem um papel importante na avaliação e seleção do que está sendo visto.

Uma das primeiras hipóteses levantadas neste trabalho foi a de que o profissional estaria atuando como um “coletor” de fragmentos e reconstrutor da realidade social. Tal afirmação não pode ser comprovada por meio desta pesquisa, pois por constatar que o agente desta questão está em meio a um processo de modelagem, qualquer afirmação recorreria ao erro. O que se pode dizer é que a sociedade está influenciando diretamente neste paradigma da área de comunicação, uma vez que a população interfere na forma de se produzir o conteúdo jornalístico por meio das imagens enviadas. Fica claro durante as entrevistas dos profissionais que a apuração contínua permanece sendo essencial nesta nova fase que se inicia.

Quanto à inversão de conceitos básicos presentes na hierarquia de uma empresa de comunicação, o que fica entendido é que os integrantes desta “linha de produção” de conteúdo estão se adaptando à presença do telespectador de forma mais efetiva na apuração e no método de avaliação do que vem a ser colocado nos espelhos dos jornais. A apuração tem se estabelecido de maneira mais complexa por parte destes agentes produtores que se vêm

obrigados a apurar por diversas vezes o mesmo conteúdo a fim de transmitir uma informação verídica e confiável. As funções dos componentes desta equipe de profissionais tornaram-se cada vez mais essenciais dentro de uma redação, pois a responsabilidade com o telespectador se ampliou devido ao acompanhamento de forma mais direta do que é transmitido e também devido às diversas versões de um mesmo fato agora coberto com imagens externas, o que dificulta no processo de avaliação.

A inserção de materiais externos no telejornal foi observada através da análise dos jornais exibidos pela emissora de televisão, TV Alterosa Zona da Mata, entre os dias 05/08/13 e 16/08/13. Assim pode ser constatado que ocorre uma interferência na produção dos telejornais, seja por intermédio do público ou por auxílio de imagens feitas por profissionais não atuantes na emissora. Como resultado é possível definir que mesmo com a efetiva produção de conteúdo por parte dos componentes da equipe da TV Alterosa existe uma grande participação popular no fechamento do telejornal e que esta inclusão de material externo esteve presente durante todos os dias analisados, ficando mais evidente em 06/08/13, dia em que mais de 50% do material exibido não era de produção exclusiva da casa.

Uma das vozes responsáveis por trazer à luz as mazelas do povo ainda busca por definição. Este profissional encontra-se em frente aos portões por onde circula a notícia, mesmo que agora ele deixe passar conteúdos antes não pensados para a televisão brasileira. O porteiro não perdeu sua função. Apenas trocou os óculos antigos, empoeirados, por lentes modernas capazes de não apenas enxergar normalmente, mas também de ver além do que se julga atualmente como relevante, ou seja, ficou mais atento e desconfiado com o que chega até suas mãos. O jornalista é ainda um ser em constante evolução e me atrevo a dizer que ele ainda tem muito a influenciar a sociedade. Este ser especialista em apurar não deve ser visto como um aposentado, velhinho de cabelos brancos, mas como um jovem a dar seus primeiros passos em direção ao futuro. Seja ele qual for.

## REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto. **Manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus. 2003.

BOLAÑO, César. **A Economia Política da Televisão Brasileira**. Revista Brasileira de Ciencia da Com., São Paulo, Vol. XXII, nº 2, jul/dez. 1999, pag. 15-32.

DELEUZE, Guilles. **Conversações - 1972-1990**. Tradução Peter Pelbart, editora 34, 1992.

LAIA, Evandro José Mederios. **Palimpsesto Mediático: O lastro ibérico medieval n'O auto da Compadecida**. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

MAGNONI, Antônio Francisco; AMÉRICO, Marcos. **O uso de dispositivos móveis para o ensino de jornalismo**. 10º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo. Disponível em <http://www.fnj.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=16&cf=1>, acesso em 1º de Janeiro de 2014.

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 2006.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco. **História da Televisão no Brasil**. Ed. Contexto, 2010.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo live streaming: tempo real, mobilidade e espaço urbano**. Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo - VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, UMESP (Universidade Metodista de São Paulo), Novembro de 2008.

SOUSA, Marcelo Igor de; MEDEIROS, da Silva, Magno Luiz. **Jornalismo Cidadão na Internet: Modelo participativo e suas implicações na comunicação e na sociedade**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Goiânia – GO 27 a 29 de Maio de 2010.

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. Porto

Alegre. EDIPUCRS. 2000. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-decidindo-noticia-tese.pdf>> Acesso em 15. Jul.2013.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2010. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/88202667/Informar-nao-e-comunicar>>. Acesso em : 13.jul.2013.

Sites e outros produtos midiáticos consultados:

**JORNAL DA ALTEROSA EDIÇÃO REGIONAL**. TV ALTEROSA - JUIZ DE FORA. Edições de 05/08/2013, 06/08/2013, 07/08/2013, 08/08/2013, 09/08/2013, 12/08/2013, 13/08/2013, 14/08/2013, 15/08/2013.

**INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE, Séries Estatísticas, PD247 E PD282**, Disponível em: [http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/lista\\_tema.aspx?op=1&no=1](http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/lista_tema.aspx?op=1&no=1), acesso em 30 de Dezembro de 2013.

**Quem é o jornalista brasileiro? Perfil da profissão no país**. Programa de pós graduação em Sociologia Política da UFSC em convênio com a Federação Nacional dos Jornalistas – FENAJ, apoio: Fórum Nacional de Professores de Jornalismo – FNPJ e Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor. 2012, Disponível em: [www.fenaj.org.br/reinstitu/pesquisa\\_perfil\\_jornalista\\_brasileiro.pdf](http://www.fenaj.org.br/reinstitu/pesquisa_perfil_jornalista_brasileiro.pdf), acesso em 30 de Dezembro de 2013.

## **APÊNDICE A: ENTREVISTAS FEITAS A ALGUNS DOS INTEGRANTES DO JORNAL DA ALTEROSA**

### **A.1 – PERGUNTAS FEITAS PARA A PRODUÇÃO**

1. O que muda na produção com a inserção de materiais externos no jornalismo que é feito pela TV Alterosa?
2. Qual o papel da produção no processo de avaliação do que entra no Jornal?
3. Você acha que o jornalismo que era produzido antes era mais confiável do que o atual?
4. A participação mais efetiva da população com a produção de vídeos e fotos mudou a forma de trabalho do jornalista?
5. Na produção tem-se a preocupação efetiva com a apuração dos fatos. E na rua?
6. Defina como é o perfil do produtor nos dias atuais?
7. Qual o impacto do grau de diferença entre as imagens produzidas pelo cinegrafista e daquelas feitas pelo público?

### **A.2 – PERGUNTAS FEITAS PARA O EDITOR DE REPORTAGENS**

1. Como é feita a triagem dos materiais que chegam na TV e quais os critérios utilizados para a edição desses materiais?
2. Você acha que o excesso de utilização de material produzido pelo telespectador prejudica a qualidade do jornal? E quanto a manipulação?
3. Como você, como jornalista, definiria o jornalismo que é produzido hoje?

### A.3 – PERGUNTAS FEITAS PARA OS CINEGRAFISTAS

1. O que você acha da interferência externa nas reportagens apresentadas nos telejornais?
2. Você acha que esse excesso de imagem utilizado nas matérias pode causar uma desinformação?

### A.4 – PERGUNTAS FEITAS PARA O EDITOR CHEFE

1. O que você acha do uso de materiais externos em um telejornal?
2. Quais os riscos enfrentados quando se usa material externo no jornal?
3. Houve uma mudança no perfil do jornalista nas TV's. Pelo que entendi você acha que então que não diminuiu ou facilitou, mas sim complicou um trabalho já existia?
4. E se você pudesse definir o perfil do novo Jornalista? E do editor chefe?

### A.5 – PERGUNTAS FEITAS PARA UM FORNECEDOR DE MATERIAL EXTERNO

1. O que você acha da utilização dos seus materiais nos telejornais da região?
2. Quais os métodos de apuração que você usa durante as suas matérias?

3. Quais são as suas principais fontes?
4. Você acha que a forma de fazer jornalismo mudou com as novas tecnologias?
5. Como você definiria o perfil do jornalista atual?
6. Você concorda com a forma como seus materiais são reproduzidos nas matérias?  
Você se sente representado?

## **APÊNDICE B: ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA FEITAS COM A EQUIPE DO JORNAL DA ALTEROSA.**

### **B.1 – ENTREVISTA COM A PRODUÇÃO**

#### **B.1.1 – Entrevista com a produtora / repórter Juliana Zoet**

1. O que muda na produção com a inserção de materiais externos no jornalismo que é produzido na TV Alterosa?

“O que muda? A apuração da informação. O texto continua sendo feito da mesma forma, o que muda primeiro é o acesso. Esses sites atuam como fonte, uma fonte não oficial, e que tem que ser checada. O que eu percebo é que dependendo da nota, se fosse uma nota sem imagens não entraria, ela não seria selecionada, não entraria por não ser algo de interesse público, mas que por ter uma imagem acaba sendo usada, porque que a imagem dá um valor a mais na informação.”

2. O papel da produção no processo de avaliação do que entra no jornal?

“A gente vê a nota e essas informações são sempre checadas com a fonte oficial, não dá para gente confiar em um site. Por mais que a gente conheça aquele site e o jornalista daquele site não dá pra confiar, porque a gente tem que confiar nos nossos profissionais. O que muda nesse processo: (pausa) primeiro é um acesso mais fácil; às vezes você liga para a polícia e eles não te passam, mas daí você vê lá no site e você tem como forçar; falar que você sabe o que aconteceu e pode correr mais atrás dessa informação. A questão da foto: (pausa) o que muda também é que tem que se avaliar é o risco; muitas vezes chega uma foto de um buraco na rua, mas quem garante que aquele buraco está mesmo lá na rua, que essa foto foi tirada hoje, ontem, ou se essa foto foi tirada no ano passado, quem garante? Uma vez a gente pegou uma foto de um tucano que tinha sido morto, (pausa) será que esse tucano foi morto mesmo? Será que aquilo não é uma foto de internet? Será que aquele cara tirou aquela foto mesmo? Então tudo isso são riscos e a gente tenta minimiza-los com a apuração mais oficial. É um

buraco, então gente liga para prefeitura, pergunta se tem mesmo um buraco lá e apura o que vai ser feito. Essa é uma forma de ir confirmando aquela notícia.”

3. Você acha que o jornalismo que era produzido antes era mais confiável do que o atual?

“Não, não acho, eu acho que a confiabilidade é a mesma justamente por esse processo de checagem. Eu acho que o jornalista hoje tem que ter essa preocupação muito grande de que – ah! Eu recebi a foto então eu vou botar ela no ar - não, ela tem que ser averiguada igual era antigamente. Hoje eu acho que é mais fácil a gente checar, justamente por isso! Você liga para polícia e eles falam que não tem nada, mas aí vem um morador que fala que duas crianças foram baleadas; ou então você viu em um site que aconteceu um latrocínio em Santos Dumont, você não conseguiu com uma fonte oficial, mas você viu em um site que isso aconteceu e isso vai ser apurado. Eu não vou pegar lá e vou jogar no ar, por isso que eu acho que deve ter essa apuração, essa averiguação, por isso que eu acho que a apuração é a mesma que era feita antigamente.”

- 4 A participação mais efetiva da população com a produção de vídeos e fotos mudou a forma de trabalho do jornalista?

“Não! Eu não acho que mudou muito, porque você vê essa apuração. Muitas vezes não dá para gente ir ao local, mas a gente questiona por telefone da mesma forma. Ou isso: a população ligou para falar das duas crianças baleadas, a população é quem ligou. Nós temos esse auxílio. Eles fizeram imagens na hora lá no local, mas não deu para gente usar, então não usamos; acrescentaria ao nosso material, sim, mas o nosso trabalho foi o mesmo de perguntar para polícia, de perguntar para a população, de questionar, de perguntar o estado de saúde dessas crianças. Acho que é igual quando você pega em um site aquela nota, você tem o acesso àquela imagem, àquela nota que, como a gente faz televisão, você precisa de imagem para ilustrar, e como eu disse às vezes seria uma nota que a gente não daria se não tivesse a imagem, mas tendo a imagem dá um peso maior a notícia. Quanto à apuração acho que o perfil continua sendo o mesmo, porque se não está no site à gente liga para um morador e pede para ele bater uma foto. Aí entra a questão da tecnologia, hoje em dia o morador tem uma câmera que ele consegue bater a foto e tem internet para mandar esse material para

gente, antigamente não teria. Eu acho agora que os jornalistas têm que ser mais antenados. Acho que eles têm que usar mais as redes sociais como fonte de informação, porque as fontes mudaram, mas o perfil continua o mesmo. O perfil do jornalista formado, que trabalha em um veículo de comunicação sério, não daquela pessoa não formada, que se diz repórter.

Primeiro nessa questão de todo mundo se achar jornalista e fazer aquelas imagens, eu acho que realmente imagens sim, imagem, foto, chega muito, mas tem que ter, assim como eu falei, uma apuração para ver se essa é uma imagem verdadeira, se realmente existe. Pela importância da imagem a gente, atualmente, é muito cobrada até mesmo pelo telespectador. Poxa, se eu estou vendo um telejornal eu quero ver uma imagem, eu não quero ver a cara de uma pessoa falando, se for para ver a cara de uma pessoa falando eu vou ver ou comprar jornal impresso. Então, eu acho que hoje existe essa cobrança; é aquilo que eu disse antes, a nota por ter uma imagem ela tem mais peso e acaba entrando. Então cabe ao jornalista de hoje em dia essa apuração. Como a nota é muito importante, então ela entra. Com esse bombardeamento de imagens que a gente recebe aqui tem que haver uma apuração e uma avaliação do que entra.”

5 Na produção tem-se a preocupação efetiva com a apuração dos fatos. E na rua?

“Bom, quando eu estou na rua e tem um assalto que acabou de acontecer em um comércio, a primeira coisa que eu pergunto: Tem circuito interno? Alguém filmou? Porque hoje é muito mais fácil, sempre tem alguém que filmou. Aí a pessoa fala: - Sim! tenho o circuito interno que flagrou o cara saindo. Então a gente sempre pede. Eu vou fazer o deslizamento de um barranco: ‘Você tem uma imagem do momento em que o barranco caiu?’ - ‘Ah eu tenho sim!’ Então a gente sempre pede para acrescentar ao material.”

6 Defina como é o perfil do produtor nos dias atuais?

“A função do produtor na televisão hoje: Ele tem que saber o máximo, o que está acontecendo na sua região. Depois ele tem que saber filtrar. Depois de selecionar o mais importante, ele tem que saber produzir aquilo. Por meio da ronda, dos sites que são um auxílio.

O que me incomoda muito quando a gente pega a imagem de alguém é essa questão de que essa imagem quem fez foi a Polícia Militar, ou essa imagem que fez foi o morador. Eles estão me dando o olhar deles da situação, eu não fui lá para ver, então eu prefiro muito mais mandar a equipe lá para ver o buraco do que esperar, porque na nossa equipe a gente confia que tem uma busca pela imparcialidade. Mas é uma coisa que eu acho complicado, porque a gente está mostrando o olhar daquela pessoa que fez aquelas imagens. O que ela omitiu naquelas imagens? Eu não sei, eu estou vendo só o que ela quer me mostrar.”

7 Qual o impacto, o grau de diferença entre as imagens produzidas pelo cinegrafista e daquelas feitas pelo público?

“O material produzido pela casa tem mais valor. Não é mais fácil fazer produção hoje do que as antigamente. Eu acho que o acesso é maior, a seleção que a gente tem que fazer é maior, o volume de informações é maior, não só isso, a cobrança do público também é maior. Antigamente não tinha celular, não tinha internet, mas as pessoas também não tinham acesso a fotos, não podiam entrar em sites, não tinha essa cobrança, esse volume de informação. Hoje a cobrança é muito maior justamente por isso, hoje todo mundo tira uma foto. E então se todo mundo tira uma foto como é que eu que sou a imprensa não vou ter essa foto? Ou esse vídeo para mostrar? Justamente por isso por todo mundo ter mais acesso a tecnologia é que isso é mais complicado, porque eu tenho que ter celular, ter acesso à internet e eu tenho que ligar! O trabalho é maior!

Acho que o material produzido pelo profissional da casa tem mais valor do que o externo, pois quando a gente tá lá, a gente vê o barranco cair, o fato acontecer na nossa frente é outra coisa, a gente faz a matéria, pega a emoção das pessoas é outro olhar. A gente pode até pegar depois um vídeo do momento do barranco caindo para complementar a nossa matéria, mas o olhar do profissional é outra coisa.”

### **B.1.2 – Entrevista com a produtora Regina Ramalho**

1. O que muda na produção com a inserção de materiais externos no jornalismo que é feito pela TV Alterosa?

“Acho que materiais externos ajudam, uma boa imagem ajuda, quando você tem uma imagem, você tem uma ideia do que está acontecendo. Eu acho que você deve ir ao local e que o produtor é o primeiro passo. Hoje eu acho difícil de ser produtora, eu gosto do jornalismo, mas eu acho que a logística não ajuda. Ou você vai para rua e faz, ou então você depende de uma imagem muitas das vezes.”

2. Qual o papel da produção no processo de avaliação do que entra no Jornal?

Eu acho que hoje o produtor se tornou um secretário do repórter sabe, eu me considero assim. Como eu já fui repórter por mais de 10 anos na rua, dá muita diferença e é muito importante esse trabalho *in loco*.

Depende muito da estrutura da emissora em que você trabalha. Na Alterosa de BH você tem um setor que serve só para apurar, aqui você tem uma pessoa acumulando várias funções no jornal e você não consegue fazer uma boa produção, você acaba sendo um marcador de pauta, um secretário do repórter. Você não consegue pesquisar não consegue desenvolver e aí é que entra a tecnologia, que ajuda muito, mas aí tem a questão da veracidade, nem sempre tudo é verdade.

3. Você acha que o jornalismo que era produzido antes era mais confiável do que o atual?

“Acho que fazíamos coisas que não fazemos mais. Nós apurávamos muito pelo rádio, eu acho que é de fundamental importância porque o rádio estava ligado à comunidade. Antes era uma coisa muito interessante, vamos trazer também a acomodação do repórter, antes o mais importante era você ir e verificar. Geralmente essas informações chagam por uma rádio, ou por telefone, ou por uma pessoa que te procurava na redação. Antes você saía com uma linha de pauta da redação e você verificava se realmente aquilo estava acontecendo, aquilo viraria uma matéria, não uma pauta, mas uma matéria completa. Muitas das vezes você chegava em um lugar e aquilo que você tinha em mente já mudava tudo e virava uma matéria totalmente diferente do que você havia planejado. Eu acho que a diferença está aí: o repórter não se acomodava tanto.”

#### 4. Defina como é o perfil do produtor nos dias atuais.

“É complicado para você definir. Antigamente o produtor tinha mais tempo de descobrir as coisas, tinha dificuldades, mas ele tinha o seu papel, era o primeiro a dar o passo pro repórter ir para rua, mesmo sabendo que tudo ia mudar. Hoje a tecnologia ajuda o produtor, mas ajuda se ele tiver condições, se ele não tiver tão atarefado com tantas tarefas ele tem de uma vez. Ela ajuda muito em locais que você tem muitas pessoas trabalhando, ajudando você a olhar sites, telefonar, ver a veracidade daquelas informações dispostas naquela tecnologia. É muito complicado você definir um produtor de uma emissora como a nossa, porque o papel do produtor é muito importante para você poder se apoiar. Quem me dera pudesse sentar com um repórter para discutir um tema. Acho que a própria velocidade da informação não te permite se aprofundar em mais nada, é tudo muito corrido. Eu acho que o produtor fica meio perdido, a função que era de fazer uma boa pauta é muito difícil, porque você tem horários a cumprir, metas a cumprir, poucos repórteres, poucos produtores, dois jornais, dois produtores, duas equipes.”

## B.2 – ENTREVISTA COM O EDITOR DE REPORTAGENS DAVI FERREIRA

1. Como é feita a triagem dos materiais que chegam na TV Alterosa e quais os critérios utilizados para a edição desses materiais?

“Bom, o principal critério é o peso, o impacto do fato. Geralmente são materiais factuais, ou seja, são acontecimentos que podem ser desde um homicídio, até um acidente, ou seja, todo o acontecimento que a gente chama aqui de factual, que acabou de acontecer. Geralmente os materiais que trazem da rua vêm de um ângulo em que, muitas vezes, o próprio cinegrafista da TV não poderia estar, são os próprios moradores, os próprios policiais que acabam fazendo uma nova perspectiva do acontecimento. Então, a gente tem que tomar cuidado quando esse material chega na redação. Primeiro temos que ver se a imagem não vai extrapolar o horário em que ela está passando, ver se não vai aparecer ninguém pelado, órgãos, vísceras aparecendo, a gente dá essa podada em função do horário e da linha do programa.

Segundo é verificar se essa imagem é mesmo desse fato, verificar a procedência dessa imagem, verificar se essa imagem não é uma montagem de que alguém fez em casa, mas geralmente não é, pois como acabou de acontecer não daria tempo. Enfim é um cuidado bem básico que tem que se tomar.”

2. Você acha que o excesso de utilização de material produzido pelo telespectador prejudica a qualidade do jornal? E quanto à manipulação?

“De jeito nenhum, foi como eu disse isso enriquece o material, você está tendo o fato de um outro ângulo. Olha o risco de manipulação você sempre tem. Eu acho que é mais arriscado você ter uma manipulação que chega da Prefeitura e do Governo do que manipulação de um material que chega da população. Risco de manipulação desse material você sempre vai ter, mas você sempre vai apurar o outro lado, apurar o fato, vai ver os outros pontos da coisa antes de colocar no ar. Você não pode de maneira nenhuma acreditar, ‘olha isso aqui é isso’ e vai jogar no ar sem apurar. Você quando tem um material na sua mão você tem uma responsabilidade muito grande, eu por exemplo sou responsável por todo esse material que chega, então é por isso que eu entro na redação e fico pedindo para verificar o material.

Em relação a enriquecer, enriquece muito o trabalho do jornalista, porque você não está falando de qualidade de imagem de uma câmera, eu estou falando do ângulo do fato, porque, como eu disse anteriormente, essa pessoa vai estar filmando de um ângulo que muitas vezes o cinegrafista da TV não poderia filmar”

3. Como você, como jornalista, definiria o jornalismo que é produzido hoje?

“O jornalismo que é produzido hoje é o jornalismo 2.0, um jornalismo que não depende só do repórter, depende menos, mas não independe da participação do repórter, mas que oferece mais espaço para a população mostrar seus anseios, os seus problemas, as suas perspectivas de mundo e, sobretudo, documentando a sua própria história, porque afinal de contas a imprensa que constrói a história de certa forma. Eu acho que a figura do repórter continua sendo importante, pois é ele quem faz a junção de todo esse material, ele quem faz a compilação de diferentes materiais que vêm de fora. Mas ao mesmo tempo, essas pessoas que têm um fato de interesse público para

mostrar não dependem de um repórter, pois elas podem fazer as imagens elas mesmas, mandar para TV ou postar no *YouTube* e ter um milhão de acessos.”

### B.3 – ENTREVISTA COM O CINEGRAFISTA MARCO FAGUNDES

1. O que você acha da interferência externa nas reportagens apresentadas nos telejornais?

“Eu acho que agora está tudo sendo levado a isso... o imediatismo está muito grande, se você tem um celular na mão ali na hora é uma ferramenta, você está com um fato na sua frente, você fazer imagem é isso mesmo.”

2. Você acha que esse excesso de imagem utilizado nas matérias pode causar uma desinformação?

“Não, eu acho que a desinformação é causada pela falta de apuração, pela apuração ruim e não pela utilização da imagem. Eu acho que a principal diferença que existe no nosso trabalho é um olhar mais refinado para o fato. As imagens que eles fazem e nos enviam muitas vezes são óbvias, já as nossas têm um olhar mais cuidadoso. Essa imagem feita pelo telespectador é mais uma documentação do que aconteceu, já o nosso olhar é mais técnico.”

### B.4 – ENTREVISTA COM A EX-EDITORA CHEFE E EX-APRESENTADORA ELISÂNGELA BAPTISTA

1. O que você acha do uso de materiais externos em um telejornal?

“Acho que é a questão da informação prevalecendo sobre a técnica. Sobre a imagem, acho que hoje é isso que a gente encontra com as novas mídias, hoje todo mundo tem um celular e quer fazer uma imagem e essa imagem virou informação. Então essa informação é verdadeira, verdadeira porque você está vendo ela “verdadeira”

(entre aspas), pois para o telespectador ela vale muito mais, porque você está vendo que aquela imagem realmente aconteceu. Então eu acho que o primeiro ponto seria isso, essa mudança de comportamento mesmo.

Não só do jornalista quanto da emissora, mas da sociedade como um todo. Hoje eu tenho uma quantidade de informação enorme, que antes só as TV's tinham acesso e que hoje qualquer transeunte pode ter. Passou na rua na hora, filmou, então chega primeiro que você no facebook, chega primeiro que a televisão.”

## 2. Quais os riscos enfrentados quando se usa material externo no jornal?

“Esse é o segundo o ponto! Então, hoje a gente vive nessa situação e a TV não tem como fechar os olhos para isso, se não você vai ser furado o tempo inteiro. É melhor você acompanhar pelo facebook do que você acompanhar pela TV, (porque lá a informação vai ter imagem, vai ter tudo) do que você com duas equipes, uma em um horário e outra no outro, pegar tudo isso. Então o cidadão está sendo muito importante nesse processo de captação, de pautar a mídia. Aí eu não sei quais as teorias que você está usando, mas acho que hoje você cai nessa coisa de agenda *setting*, mas quem faz muito isso é a população.

Eu coloco o jornalista não sendo mais um *gate keeper*, ele não é mais quem define, ele não está no portão mais, eu acho que hoje ele fica nesse tumulto. Eu ainda acho que o editor fica um pouco com esses traços, ele filtra um pouco esse entendimento, nem tudo o que chega você coloca no ar, então ainda existe ele ali filtrando o que chega, mas eu acho que é lógico que hoje você não tem mais o que tinha, a teoria pura e simples, mas não se pode descartar essa ideia O que se deve pensar é que o processo não funciona mais como nas antigas teorias de portão.

É então tá, chegou na redação tudo. Aí é que pega, o cuidado tem que ser ainda maior. Então é o que incorre em risco para várias emissoras, porque você tem que apurar tudo de novo. Então chegou, aí você tem as imagens, mas quem te garante que aquilo é verdadeiro? Quem te garante que aquilo chegou da melhor maneira possível, que foi apurado da forma correta, que aquele conteúdo não foi manipulado, que você não está colocando o culpado de inocente e o inocente de culpado? Então a apuração é fundamental para o jornalista do início ao fim, pois você é responsável por colocar no ar aquilo que você está colocando, mas quem pegou aquela informação tem que ter tudo

extremamente apurado. Temos que começar do zero de novo quando um tipo de imagem, de informação chega pra gente.”

3. Houve uma mudança no perfil do jornalista nas TV's. Pelo que entendi você acha que então que não diminuiu ou facilitou, mas sim complicou um trabalho já existia?

“A função do jornalista é a mesma sempre, se tiver em dúvida apura de novo, ainda mais hoje que você tem um grande fluxo de informação de internet. É por conta disso que eu acho que o processo continua do mesmo jeito, mas hoje você tem que ficar mais atento, porque está tudo muito perigoso, pois chegam em suas mãos todos os dias imagens sensacionais e se você não pensar direito você vai jogar no ar sem pensar, né, até por causa disso você tem muita informação. Fica com medo de perder conteúdo pro concorrente, fica com medo de ser furado, tudo isso interfere na sua tomada de decisão.

4. E se você pudesse definir o perfil do novo jornalista? E do editor chefe?

“Eu acho que o Jornalista não tem um perfil definido. Ele ainda busca: ‘Onde que eu vou atuar? Como que eu vou fazer? Eu confio em quem eu apuro? como eu apuro? O que eu vou fazer com essa quantidade de matéria?’ Então eu acho assim, são muitas informações que chegaram, informações novas e eu acredito que o jornalista tenha perdido um pouco de controle diante de tantas informações. Então eu acho que não tem um perfil definido ainda, o jornalista está definindo qual é o papel dele no meio de tantas informações.

É por isso que eu discordo quando se fala que ele perdeu esse papel de filtro, eu acho que a responsabilidade dele é ainda maior. Agora talvez a responsabilidade tenha crescido. Esse novo jornalismo que está crescendo talvez tenha que ser um jornalismo mais responsável, talvez tenha que se ter mais cuidado, porque as informações chegam de maneira muito fácil. Assim também o editor, ainda mais, porque ele vai ter que responder por situações que não tiveram a fonte primária na mão dele, da equipe que ele confiou. Esse novo editor tem que ser ainda, vamos dizer uma mulher maravilha...(risos) só Deus!”

## B.5 – ENTREVISTA COM O FORNECEDOR DE MATERIAL EXTERNO SILVAN ALVES

1. O que você acha da utilização dos seus materiais nos telejornais da região?

“Vejo como forma de divulgação de meu trabalho e também como forma de aproveitar melhor a notícia, não ficar somente em Muriaé, pois existem fatos que tem relevância no Estado todo. As pessoas comentam que viram na Globo, SBT, BAND, etc.”

2. Quais os métodos de apuração que você usa durante as suas matérias?

“Muito simples, só vejo, fotografo, pergunto as autoridades, ou aos envolvidos o que ocorreu, pois o texto é pequeno e saio correndo. Às vezes recorro às ocorrências oficiais das autoridades, pois tenho acesso a elas e aí complemento com as informações que vejo no local.”

3. Quais são as suas principais fontes?

“Amigos do Corpo de Bombeiros, da PM, da Civil, da PRF. Tenho fontes nos órgãos municipais, estaduais e federais e acima de tudo os leitores internautas, a população dos bairros de municípios da região. Muitos fazem questão de me informar e vibram com a minha presença no fato.”

4. Você acha que a forma de fazer jornalismo mudou com as novas tecnologias?

“Claro, ainda mais com a internet. Devido a apuração rápida, divulgação rápida - tem muita audiência - exemplo: em Dezembro tive no site 1.265.593 visualizações de páginas e 632.624 visitas únicas.

Quanto à reportagem pode-se alterar com facilidade depois o texto etc. Enquanto isso outros veículos têm mais trabalho, entrevistas gravadas, imagens, edição, etc. Posso divulgar um fato no mesmo instante ou 20 minutos depois completo como tenho feito aqui.”

5. Como você definiria o perfil do jornalista atual?

“Criativo, atencioso, ousado, rápido no "gatilho"; capta com mais facilidade e conta com a importante ajuda da tecnologia. Um pouco mais preguiçoso para escrever, mas o principal é ter que ficar atento aos fatos, aos acontecimentos de sua cidade e região, para não ficar pra trás.”

6. Você concorda com a forma como seus materiais são reproduzidos nas matérias? Você se sente representado?

“Sim, sinto bem representado, inclusive pelos veículos de comunicação maiores, já os menores fazem a cópia. Em 6 anos quase todos os jornais de Minas e TVs já utilizaram meus materiais.”

## **APÊNDICE C: CD CONTENDO OS JORNAIS PRESENTES NA MONOGRAFIA**

- Gravações dos materiais analisados do Jornal da Alterosa Edição Regional